



ANO 11 - NÚMERO 144 - OUTUBRO 2026

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

Distribuição: 15 out a 14 nov/26



EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA: O GRANDE DESAFIO DO POVO BRASILEIRO

p. 08

BIODIVERSIDADE

Como ficam os animais em um planeta cada vez mais quente?

p. 15

HISTÓRIA SOCIAL

Seringueiro-artista Hélio Melo pintou a alma acreana e da Amazônia

p. 24

UNIVERSO FEMININO

Bancada feminina no Congresso cresce em 2026, mas segue branca e pende à direita

p. 48

SIGA A REVISTA XAPURI NO INSTAGRAM



Compartilhe!



Marque nosso perfil
@revista.xapuri



JORNALISMO
INDEPENDENTE



MÍDIA
SOCIOAMBIENTAL



COMUNICAÇÃO
DE RESISTÊNCIA

xapuri
SOCIOAMBIENTAL



REVISTA.XAPURI



CHEGOU!



PLANO MENSAL

R\$ 29,90 /mês



JORNALISMO
INDEPENDENTE



MÍDIA
SOCIOAMBIENTAL



COMUNICAÇÃO
DE RESISTÊNCIA

ASSINE AGORA!

xapuri.info/revista-impressa

Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – “nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante” (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da *Xapuri* lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer*. Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, “porque toda revista tem que ter número zero”.

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, “de grátis”. Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença se agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. “O mais sabido de nós”, segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a *Xapuri* 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da *Xapuri*, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da *Xapuri* 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitinho.



Agamenon Torres
Web Designer



Arthur Wentz e Silva
Revisor



Emir Bocchino
Diagramador



Igor Strochit
Diagramador



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Lúcia Resende
Revisora



Maria Leticia Marques
Redatora



Paloma Vaz Dias
Estagiária

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: *Xapuri* Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786/0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 - Setor Village - Caixa Postal 59 - CEP: 73.814.-500 - Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Revisão: Lúcia Resende, Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA: O GRANDE DESAFIO DO POVO BRASILEIRO

Em 2026, completam-se 105 anos do nascimento de Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, professor, filósofo e nordestino, que enfrentou os desafios da educação e da formação da consciência crítica, compreendendo-as como caminhos inseparáveis no processo de conscientização e libertação.

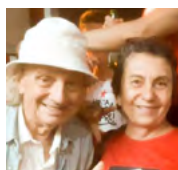
É sobre esses caminhos que nos debruçamos na capa desta edição. Ao retomar o pensamento de Paulo Freire, a Xapuri convida suas leitoras e seus leitores a refletir sobre o caráter formativo social, político e democrático da educação e da consciência.

O bolsonarismo é a antítese não só da política, mas também de toda a filosofia freiriana. Se a política é um meio de administrar, governar uma sociedade e resolver conflitos, o bolsonarismo chega para criar esses conflitos, desorganizar a sociedade e atrapalhar a administração pública, conforme ocorreu entre o ano de 2018 e 2022, durante a “gestão” do Jair Bolsonaro. E se Freire pensava e defendia a conscientização, o bolsonarismo executa a alienação.

Esta edição é um convite à práxis: reflexão e ação. O que aconteceu no dia 4 de outubro de 2026 nos deu um panorama do processo cruel que o Brasil tem enfrentado nos últimos anos e de como a metástase do bolsonarismo tem contaminado a população.

Diante desse cenário, o pensamento de Paulo Freire permanece como referência para compreender os mecanismos de dominação e alienação e os caminhos para emancipação e conscientização da população, que se dá pela educação verdadeiramente transformadora.

Boa leitura. Bom proveito!



Zezé Weiss – Jornalista
Editora da Revista Xapuri

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

Maria Leticia Marques – Redatora

COLABORADORES/AS - OUTUBRO

Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Antenor Pinheiro – Geógrafo. Aquiles Marchel Argolo – Jornalista. Arthur Wentz e Silva – Estudante. Camila Rodrigues da Silva – Jornalista. Eduardo Pereira – Sociólogo. Fabio Pontes – Jornalista. Fortunate Machingura – Cientista. Igor Stochit – Designer. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. José Bessa Freire – Escritor. Leonardo Boff – Ecoteólogo. Lúcia Resende – Professora. Luiz Marques – Professor. Maria Leticia – Redatora. Matthew Chersich – Cientista. Nicholas Brink – Cientista. Robb Butler – Cientista. Thaís Silveira – Bióloga. Thiago Hakiy – Poeta. Zezé Weiss – Jornalista.

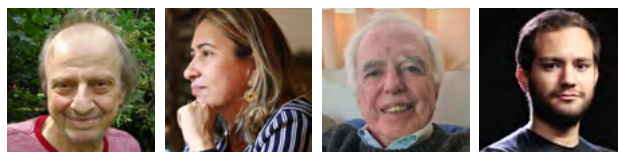
CONSELHO EDITORIAL

Adair Rocha - Professor Universitário. **Adrielle Saldanha** - Geógrafa. **Ailton Krenak** - Escritor. **Altair Sales Barbosa** - Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** - Jornalista. **Andrea Matos** - Sindicalista. **Angela Mendes** - Ambientalista. **Antenor Pinheiro** - Jornalista. **Binho Marques** - Professor. **Cleiton Silva** - Sindicalista. **Dulce Maria Pereira** - Professora. **Edel Moraes** - Ambientalista. **Eduardo Araújo de Souza** - Sindicalista. **Elson Martins** - Jornalista. **Emir Bocchino** - Arte-finalista e Diagramador. **Emir Sader** - Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** - Advogado. **Graça Fleury** - Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Terra)** - Poeta. **Iêda Leal** - Educadora. **Jacy Afonso** - Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** - Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire** - Escritor. **Júlia Feitoza Dias** - Historiadora. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Laurenice Noleto Alves (Nonô)** - Jornalista. **Lucélia Santos** - Atriz. **Lúcia Resende** - Revisora. **Marcos Jorge Dias** - Escritor. **Maria Félix Fontele** - Jornalista. **Maria Maia** - Cineasta. **Rodrigo Britto** - Sindicalista. **Rosilene Corrêa Lima** - Jornalista. **Trajano Jardim** - Jornalista. **Zezé Weiss** - Jornalista.



IN MEMORIAM:

Jaime Sautchuk - Jornalista.
Iêda Vilas-Bôas - Escritora.
Samuel Pinheiro Guimarães Neto - Diplomata.
Eduardo Meirelles - Jornalista.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista. **Eduardo Pereira** - Produtor Cultural. **Iolanda Rocha** - Professora. **Janaina Faustino** - Gestora Ambiental. **Joseph Weiss** - Eng. Agro. PhD.





Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

144

OUT 26

08

CAPA

Educação e consciência:
o grande desafio do povo brasileiro

21

ARQUEOLOGIA

Arte rupestre: o que significa?

15

BIODIVERSIDADE

Como ficam os animais em um
planeta cada vez mais quente?

24

HISTÓRIA SOCIAL

Seringueiro-artista Hélio Melo
pintou a alma acreana e da
Amazônia

18

FILOSOFIA

"Ser Papa em tempo
de 'anticristos'"

28

SAÚDE

Cientista mexicana desenvolve
tratamento para HPV com luz

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

29

CULTURA

"O remédio é cantar":
a cura-tamborim de Dona Ivone

33

SAGRADO INDÍGENA

A floresta e a vida

34

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Crise climática deve ser declarada
emergência internacional de
saúde pública

36

POLÍTICA

Com medo de ser infeliz

40

FOTOGRAFIA

Escrito pelo vento, o rio e o mar

41

CONSCIÊNCIA NEGRA

Ana Elisa, Renato Freitas e
Jones Manoel: a saída para a
esquerda é radical e preta

43

MITOS E LENDAS

Hariporia, a origem do açaí

48

UNIVERSO FEMININO

Bancada feminina no Congresso
cresce em 2026, mas segue branca
e pende à direita

*"Não é possível refazer este país,
democratizá-lo, humanizá-lo,
torná-lo sério, com adolescentes
brincando de matar gente,
ofendendo a vida, destruindo o
sonho, inviabilizando o amor.
Se a educação sozinha não
transformar a sociedade,
sem ela tampouco a
sociedade muda."*

Paulo Freire

Foto: Arquivo Instituto Paulo Freire

EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA: O GRANDE DESAFIO DO POVO BRASILEIRO

Maria Leticia Marques

A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE CONSCIENTIZAÇÃO

O que é a consciência senão uma especulação de si mesma? Ou, segundo o bom e velho dicionário Aurélio, a consciência nada mais é que a “capacidade para discernir, para julgar com discernimento”. Do latim *conscientia*, que significa conhecimento, senso próprio, particular.

A consciência, assim como as memórias humanas, caracteriza um indivíduo, é o que o torna humano e até mesmo imortal dentro de algumas perspectivas religiosas e filosóficas. A exemplo de John Locke, que defendia que o que faz de alguém a mesma pessoa ao longo do tempo é a continuidade de sua consciência e de suas memórias, e não a permanência de um mesmo corpo físico.

Para um dos psicólogos e neurológicos mais renomados no mundo, o Edmund Rolls, em *The Brain and Emotion* (1999), a cons-

ciência é formada por “pensamentos de segunda ordem”, é o “pensar sobre o próprio pensar”, que possibilita uma revisão, e até mesmo correção, dos próprios processos mentais do pensar, possibilitando tomadas de decisões e ações.

Na tradição Yorubá e em religiões de matrizes africanas, o *ori* é a consciência, a essência e a divindade pessoal de cada indivíduo. Ao estudar a obra *Ori, o Orixá Maior sob a perspectiva do povo Yorubá*, dissertação de mestrado da mãe de santo e antropóloga Nílsia Lourdes dos Santos, é possível observar que a autora relaciona o *ori* a uma essência individual, o “*orixá pessoal*” de cada ser humano, o que determina como esse indivíduo viverá e perceberá o mundo; sendo assim, a forma como o ser humano cuida do seu *ori* trará a ele mais equilíbrio e bem-estar.

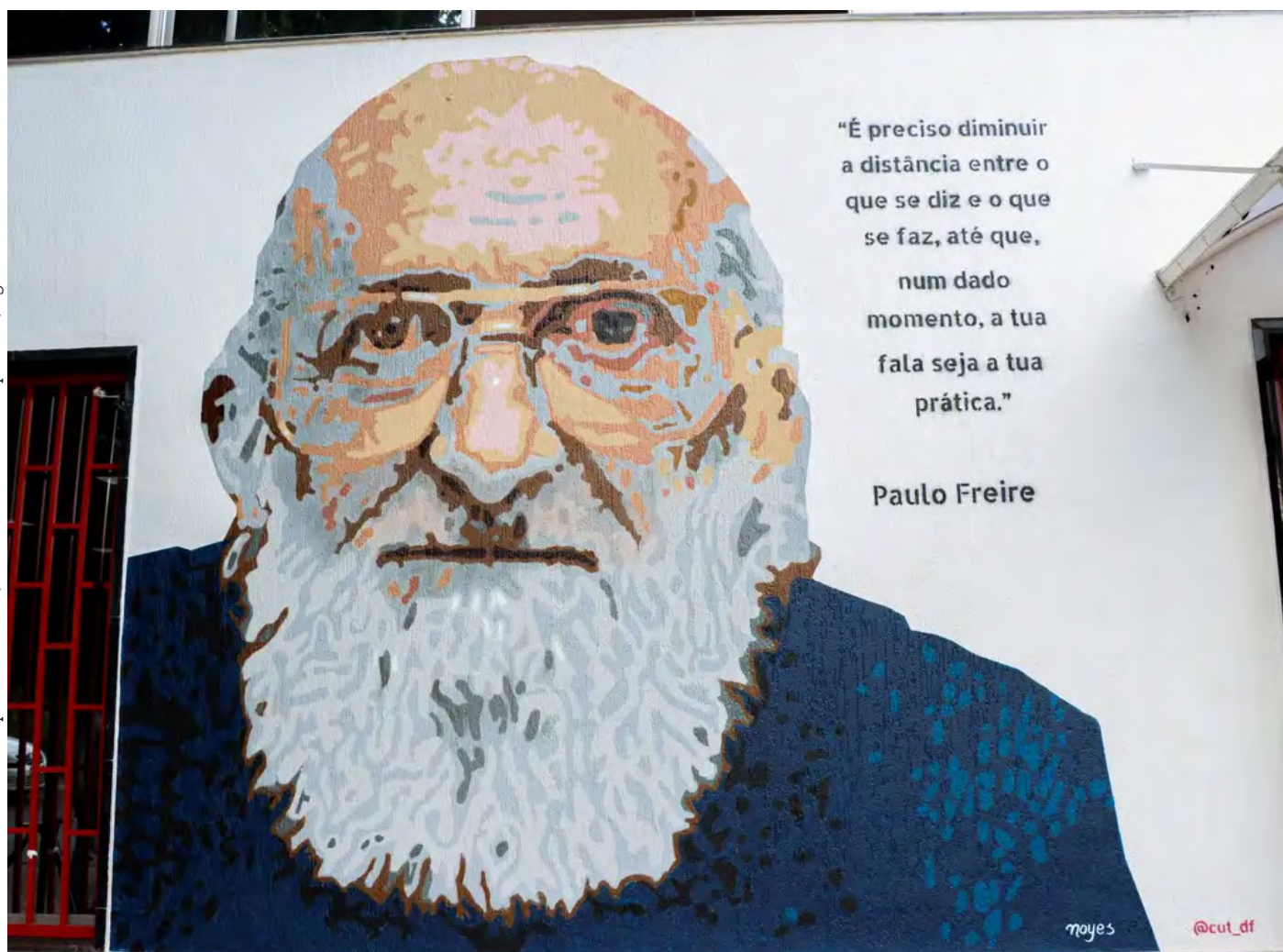
Se alguém se dedicar ao estudo e à compreensão da consciência, observará que ela muda conforme diversos fatores como, por exemplo, região, cultura ou etnia. É nesse sentido que Paulo Freire, considerado o maior educador da História do Brasil, lança luz sobre o estudo da educação como forma de conscientização.

Ao estender a consciência para outras esferas, além da própria existência em si, Freire aborda-a de diferentes formas ao considerar o contexto social, democrático, cultural e educativo, fundamental para a formação de qualquer pessoa. Uma de suas maiores defesas estava em relacionar a educação com a consciência.

Nessa perspectiva, a consciência depende da forma como e onde a



Paulo Freire nas Ilhas Fiji, promovendo seu método de alfabetização para adultos. Foto: acervo do Instituto Paulo Freire



pessoa nasceu e em qual contexto ela está inserida. Assim, o primeiro passo para educar consiste em trazer a cultura do educando para a sala de aula, antes da criação de conteúdos educacionais propriamente ditos.

O CAMINHO DA CONSCIENTIZAÇÃO SEGUNDO PAULO FREIRE

Para o historiador José Eustáquio Romão, a concepção de educação presente em toda a obra de Paulo Freire está ligada à sua maneira de compreender o mundo. Na teoria do educador, é possível identificar três momentos de aprendizagem. No primeiro, o professor procura conhecer os saberes que o educando já possui.

No segundo momento, são exploradas as questões relacionadas aos

temas em debate, permitindo que o aluno avance do senso comum para uma compreensão crítica da realidade. Por fim, na etapa de problematização, o percurso retorna do abstrato ao concreto: o conteúdo é examinado em suas diferentes dimensões, abrindo possibilidades de ação para superar os impasses identificados. Para Freire, esse processo contribui para a finalidade maior da educação: a conscientização.

A educação e a conscientização como instrumento de libertação

A Pedagogia Crítica, pensada por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, escrita em 1968 (durante seu exílio no Chile) e publicada no Brasil em 1974, é uma filosofia educacional que defende que a educação nunca é neutra:

ou ela funciona como um meio de dominação e domesticação, ou como instrumento de libertação e transformação social.

Os pontos centrais da *Pedagogia Crítica* trazem à tona o que o educador chama de “Educação Bancária”: modelo tradicional de ensino, que apenas injeta vários conteúdos na mente do educando, caracterizando-se por manter as estruturas de opressão, sem espaço para a reflexão ou a criatividade. Uma educação que, segundo ele, forma pessoas destinadas a serem objetos da história.

Em contrapartida, a Educação Problematicadora (ou Libertadora) é oposta à Educação Bancária, pois é um modelo baseado em diálogo, um processo em que professor/a e aluno/a aprendem juntos. O conteúdo curricular nasce da própria realidade do/a estudante, realidade

esta que é codificada, decodificada e criticamente analisada.

Ainda nesse sentido, o Conceito de *Práxis* traz uma abordagem mais concreta e executiva, tornando a reflexão e a ação indissociáveis, o que impulsiona ainda mais a filosofia e a educação freirianas: não basta só dialogar ou pensar, é preciso agir sobre essa realidade e transformá-la.

E, por fim, a Conscientização aparece como produto final, etapa em que o/a educando/a chega à “visão crítica” de sua realidade, percebendo como o meio social e político moldaram sua vida. Então, todo o meio estudado, formulado e implementado por Freire tinha como objetivo alcançar a conscientização, pois, só assim, o/a aluno/a poderia mover-se em direção à liberdade e à emancipação.

Essa revolução mental ou de consciência, por mais que seja

individual, afeta o coletivo e a sociedade. *Trata-se de aprender a ler a realidade (conhecê-la) para em seguida poder reescrever essa realidade (transformá-la)*, dizia o educador.

A CONSCIENTIZAÇÃO AMEAÇA A “DEMOCRACIA” DOS CORRUPTOS

Para Paulo Freire, a formação colonial e autoritária da sociedade brasileira, decorrente de um passado escravocrata e cruel, favoreceu relações de poder desiguais, mantendo assim uma grande parte da população em silêncio e em situação de passividade nas decisões coletivas. Portanto, construir uma democracia efetiva exige enfrentar essa herança, e a educação tem um papel fundamental nesse processo.

Na educação defendida por Freire, o professor ensina, escuta

e aprende. O aluno participa com seus conhecimentos, suas experiências e suas perguntas. Isso permite que a sala de aula seja um espaço de vivência democrática, onde se aprende a expressar ideias, ouvir outras perspectivas e lidar com as diferenças. O diálogo exercitado na escola contribui, assim, para a participação na vida pública.

Na perspectiva freiriana, a democracia precisa ser aprendida e exercitada, ela vai além do voto, pois o voto pode ser manipulado, e várias pessoas podem ser conduzidas a votarem em candidatos que não as representam. Esse processo se dá pela falta de conscientização. A existência da democracia depende das leis e das instituições, mas também da disposição cotidiana para escutar, questionar e respeitar as diferenças.

A educação é essencial para a pessoa chegar à consciência crítica



A "Passeata dos Cem Mil" (26/6/1968, RJ) - Foto: Evandro Teixeira



e não ser mais quem observa, mas quem questiona, age e transforma a realidade, ou seja, não um objeto, mas um sujeito da história. Por essa razão, a educação sempre foi tão temida, sucateada, negada e até mesmo usada de forma vil para manipular mentes que ainda nem germinaram.

QUEM FOI PAULO FREIRE, O PATRONO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no Recife, em 19 de setembro de 1921, e tornou-se um dos educadores brasileiros de maior reconhecimento internacional. Formado em Direito, dedicou sua trajetória ao ensino e à educação popular, especialmente à alfabetização de adultos. Sua proposta partia das experiências e dos conhecimentos dos/as educandos/as para relacionar a aprendizagem da leitura e da escrita à compreensão crítica da realidade. O chamado método Paulo Freire influenciou políticas educacionais de mais de 90 países e

suas ideias seguem inspirando a educação em países de todos os continentes.

Em 1963, coordenou a experiência de Angicos, no Rio Grande do Norte, na qual cerca de 300 trabalhadores participaram de um processo de alfabetização desenvolvido em aproximadamente 40 horas de atividades. O trabalho ganhou repercussão nacional e contribuiu para a criação do Programa Nacional de Alfabetização, no governo de João Goulart, abortado com o Golpe de 1964.

É importante salientar que seu trabalho de alfabetização e formação crítica já estava em curso quando o Golpe militar de 1964 interrompeu o Programa, e Freire foi preso por 70 dias, sob acusação de "subversão". Posteriormente, deixou o país como exilado e escreveu, no Chile, em 1968, a sua principal obra, *Pedagogia do Oprimido*.

De volta ao Brasil em 1980, lecionou na Unicamp e na PUC-SP e filiou-se ao Partido dos Trabalhadores. Entre 1989 e 1991, foi

secretário municipal de Educação de São Paulo, na gestão de Luiza Erundina. Continuou escrevendo e desenvolvendo suas reflexões sobre educação, com livros como *Pedagogia da Esperança* (1992) e *Pedagogia da Autonomia* (1996).

Freire morreu em São Paulo, em 2 de maio de 1997, aos 75 anos. Seu trabalho recebeu prêmios internacionais e títulos de doutor *honoris causa* de dezenas de universidades. Em 2012, foi declarado Patrono da Educação Brasileira pela Lei nº 12.612, sancionada pela então presidenta Dilma Rousseff. Sua obra permanece como referência para uma educação comprometida com a autonomia, a participação e a transformação social.

O MAIOR EDUCADOR E O MAIOR POLÍTICO DO BRASIL

A aproximação entre Paulo Freire e Luiz Inácio Lula da Silva ocorreu no contexto da construção do Partido dos Trabalhadores, na passagem dos anos 1970 para os anos 1980. O educador identificou

na organização dos trabalhadores, movimentos populares e intelectuais uma possibilidade de ampliar a participação política das classes populares, em sintonia com sua defesa de uma educação libertadora.

Quando o PT foi fundado, em 10 de fevereiro de 1980, Freire ainda estava em Genebra, preparando seu retorno definitivo ao Brasil. Sua atuação partidária incluiu a Comissão de Educação e a presidência da Fundação Wilson Pinheiro, voltada a estudos e formação política.

Em 1982, durante a candidatura de Lula ao governo paulista, Freire contestava a ideia de que somente integrantes das elites ou pessoas com formação universitária estariam preparados para governar. Destacava o conhecimento produzido nas lutas dos trabalhadores e a compreensão da sociedade que reconhecia na trajetória do líder sindical.

Em 1989, os dois protagonizaram uma conversa gravada para o programa eleitoral da candidatura presidencial de Lula, na qual discutiram educação, democracia e justiça social. O registro tornou-se um dos documentos mais conhecidos dessa relação. Naquele ano, o nome de Freire também chegou a ser considerado para a vice-presidência na chapa, mas a escolha final foi José Paulo Bisol.

"O SISTEMA É PERVERSO"

Durante a conversa veiculada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) na campanha presidencial de 1989, Paulo Freire e Luiz Inácio Lula da Silva também discutiram a comparação entre as oportunidades do filho de um reitor e as do filho de um faxineiro, evidenciando um problema estrutural no país: a origem social pesava profundamente sobre quem chegaria à universidade e quem seria

excluído do percurso escolar. Ao responder como enfrentar essa desigualdade, Freire destacou a vontade política do Estado e a participação popular nas decisões sobre a educação:

O sistema mesmo, quer dizer, o sistema é malvado em si, ele é perverso. E tu me perguntaste, Paulo, como enfrentar isso? Eu contei, eu fiz esse discurso maior para agora te dizer, meu caro Lula, sobretudo, antes de pensar até em quanto vamos gastar para enfrentar isso, é preciso saber se temos uma decisão política. É a vontade política de cumprir uma tarefa fundamental do Estado. É a vontade política de ouvir o povo desse país, de discutir com o povo, de chamá-lo para que ele inclusive participe dos destinos da escola sua e da escola dos seus filhos. E não fique apenas um espectador do que a gente possa fazer. Quer dizer, é essa decisão

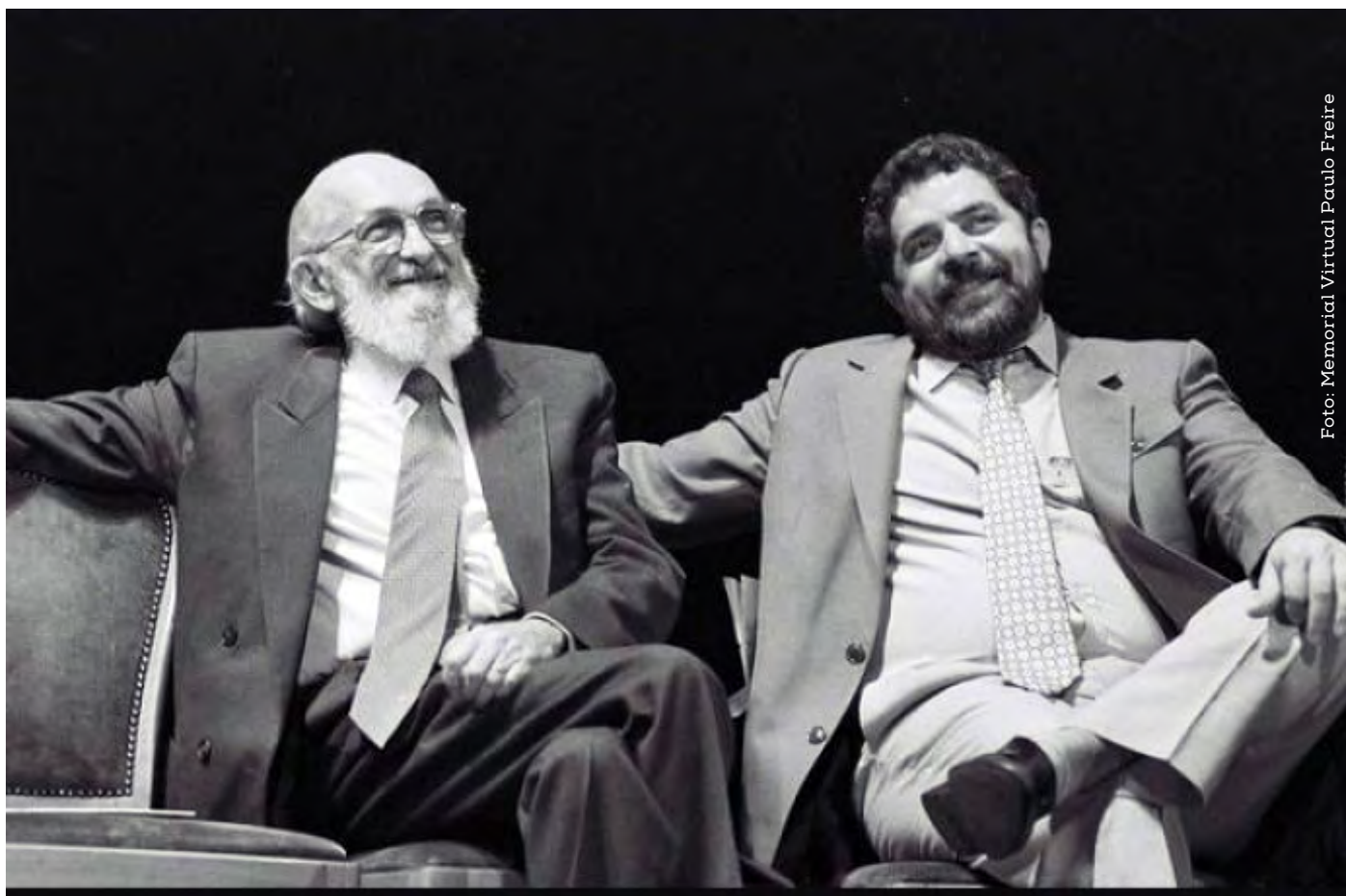


Foto: Memorial Virtual Paulo Freire



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

política que tu tens pessoalmente, porque tu inclusive conheces o que é isso na tua carne, no teu corpo, na tua alma, e tu encarnas uma postura progressista nesse país que não pode conviver com essa malvadez.

BOLSONARISMO: OUTRO TEMPO, MESMOS DESAFIOS

Atualmente, em 2026, o Brasil enfrenta um dos episódios mais difíceis de sua História. O tão temido ano de eleições presidenciais chegou às portas da população brasileira, e algumas dessas portas se abriram para o ódio e a antipolítica do bolsonarismo, outras para a consciência democrática.

O bolsonarismo é a antítese não só política, mas também de toda a filosofia freiriana. Se a política é um meio de administrar, governar uma sociedade e resolver conflitos, o bolsonarismo chega para criar esses conflitos, desorganizar a sociedade e atrapalhar a administração pública, conforme ocorreu nos anos de 2018 a 2022, durante a "gestão" do Jair Bolsonaro. E se Freire pensava e defendia a conscientização, o bolsonarismo executa

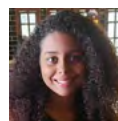
a alienação, cujo resultado é, por exemplo, uma pessoa pobre escolhendo sua própria destruição política ao mesmo tempo em que exerce pouca, ou nenhuma, participação democrática.

O bolsonarismo eclodiu e ganhou força política nacional com a campanha e a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República

em 2018, impulsionado pela crise econômica e pelo forte sentimento antipetista, que persiste até os dias atuais. A narrativa antipetista foi uma das bases que construíram e ainda sustentam o bolsonarismo, e seu principal meio condutor de informações foi a internet, informações essas de cunho fraudulento, mentiroso, chamadas *fake news*.

Mas essa ainda não é a grande questão. O fator importante ao se analisar o bolsonarismo é questionar como ele se alastrou tão rápido no país e como se consolidou, a ponto de disseminar-se como metástases entre as brasileiras e os brasileiros.

Diante desse cenário, o pensamento de Paulo Freire permanece como referência para compreender os mecanismos de dominação e alienação e os caminhos para emancipação e conscientização da população, que se dá pela educação verdadeiramente transformadora.



Maria Letícia Marques
- Graduada em Ciência Política. Redatora da Revista Xapuri.



Foto: Arquivo Instituto Paulo Freire



COMO FICAM OS ANIMAIS EM UM PLANETA CADA VEZ MAIS QUENTE?

Thaís Silveira

Na seca de 2023, botos-vermelhos e tucuxis foram encontrados mortos no lago Tefé, no Amazonas. A água que sustentava aqueles animais havia se tornado quente demais. O episódio ajuda a enxergar uma consequência das mudanças climáticas que nem sempre aparece nas discussões sobre o futuro: a dificuldade de outras espécies continuarem vivendo nos lugares que conhecemos como seus habitats.

Uma pesquisa liderada pelo Instituto Mamirauá, publicada na revista *Science* em 2025, mostrou que a água do lago chegou a 41 °C. O calor alcançou toda a profundidade, deixando os animais sem uma camada mais fria onde se refugiar. A seca havia reduzido o volume de água; a forte radiação solar e outras condições ambientais agravaram o aquecimento. Para os peixes, havia ainda outro problema: água quente retém menos oxigênio dissolvido, justamente aquele que eles utilizam para respirar.

O caso amazônico é extremo, mas faz parte de um quadro mais amplo. Segundo o Painel Intergo-

vernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), aproximadamente metade das espécies avaliadas no mundo já deslocou sua distribuição em direção aos polos ou, em terra, também para altitudes maiores. São mudanças nos lugares onde essas espécies conseguem viver. Nem todas, porém, encontram passagem ou condições adequadas em outro território.

O calor também interfere na reprodução. Nas tartarugas marinhas, a temperatura durante a incubação dos ovos influencia o sexo dos filhotes. Areias mais quentes favorecem o nascimento de fêmeas e, em temperaturas excessivas, podem comprometer a sobrevivência dos embriões, explica a agência científica norte-americana NOAA. A mudança começa dentro do ninho, muito antes de o animal chegar ao mar.

Para compreender esses impactos, vale uma distinção simples: tempo é a condição de um dia; clima é o padrão observado durante décadas. Uma tarde quente, sozinha, não explica uma mortandade. Os pesquisadores acompanham

séries de temperatura, chuvas e níveis dos rios, investigam doenças e cruzam os resultados. É esse trabalho que permite entender como o aquecimento se combina com outras pressões sobre a fauna.

A redução das emissões de gases de efeito estufa e o combate ao desmatamento são medidas imprescindíveis para a proteção dos animais. Além disso, recuperar as matas nas margens dos rios e conectar áreas de vegetação ajudam a manter habitats e caminhos de deslocamento. Em Tefé, o monitoramento dos lagos reúne pesquisadores e comunidades ribeirinhas. Por isso, compreender essas mudanças a tempo é essencial para proteger a biodiversidade.



Thaís Silveira - Bióloga (Universidade Estadual de Santa Cruz), pós-graduada em gestão para sustentabilidade pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Referências

Fleischmann et al. *Science*, 390, 606–611, 2025. doi:10.1126/science.adr4029
Focus Brasil, 9 out. 2023. Temperatura elevada mata animais ameaçados de extinção na Amazônia.



Ilustração: Keppler, Udo J., 1872-1956/Wikimedia Commons

O CANCELAMENTO DO FUTURO

Luiz Marques

“Breve há de ser (sinto no ar) / tempo de trigo maduro”

Thiago de Mello

1 No romance *O lobo da estepe*, publicado por Hermann Hesse, em 1927, o personagem, diante de um casarão burguês, imagina “sob a sagrada sombra do pinheirinho, um lar com móveis de mognos lustrosos e uma vida de respeitabilidade”. A expectativa se ajusta à Conferência de Bretton Woods (1944), quando, ao final da Segunda Guerra, são criados o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), com as moedas vinculadas – organicamente – ao dólar americano e este, ao ouro.

Até a conversibilidade ser retirada do valioso minério e o câmbio flutuante introduzir a incerteza na economia. Com a porta aberta ao capital financeiro, o niilismo (*nihil* – nada) subjugava as ideologias que desaparecem do radar político. O

contrato social é rasgado e Wall Street passa a determinar as regras do jogo. A partir daí, ampliam-se a vigilância sobre os indivíduos e os ressentimentos coletivos.

O poder do povo transfere-se à plutocracia (*ploutos* / riqueza, *kra-tia* / governo). A par disso, a revolução digital blinda os monopólios tecnológicos e afasta para longe as regulamentações e a ingerência pública. O desastre anunciado com *data centers* é encoberto. Infelizmente a injustiça social e ambiental não sai no jornal.

Na esfera pública, a necropolítica se converte no dogma dos gestores neoliberais que se desincumbem do bem-estar na sociedade. Metaforicamente o objetivo é chegar ao neolítico (*néos* / novo, *lithos* / pedra). Época em que os humanos começam a cultivar plantas e domes-

ticar animais para dispor de alimentos. Como na canção: “Eu vejo o futuro repetir o passado / Eu vejo um museu de grandes novidades / O tempo não para, não, não para”. O retrocesso se instala.

A posição subalterna no sistema-mundo freia a formação do mercado interno de massas, em países em desenvolvimento. O agro mostra-se dependente dos produtos manufaturados. Os valores da igualdade, diversidade e laicidade vão para o lixo. No Brasil, a meta da extrema direita é a submissão ao *status quo*, com a reprimarização da economia espelhada ainda no período colonial-escravista.

2 Para Mark Fisher, em *Fantasmata da minha vida*, se as teletecnologias contraem o espaço e o tempo, a “assombrologia” fir-

ma a resiliência ao capitalismo. É preciso corrigir os erros. Na Conferência Mundial de Inteligência Artificial 2026, o presidente chinês Xi Jinping expõe uma alternativa à lógica das megacorporações empresariais: “A IA não deve ser a apresentação solo de um único país, mas a sinfonia de cooperação internacional”. Como se vê, o espectro do planejamento holístico paira ameaçador sobre o livre mercado e o neoliberalismo.

A China surge nos relatos oitocentistas de missionários franceses impressionados com a excelência da cultura chinesa e a ética confucionista, que valoriza a justiça, a benevolência, a sabedoria e a harmonia. A descoberta provoca as comparações. Obriga o hegemônio a encarar sua própria loucura: bombardeios na Faixa de Gaza; conflitos deflagrados pelos Estados Unidos; tarifas de soberba.

Já Luiz Inácio Lula da Silva prossegue “com a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo” na luta pela soberania nacional. Inspira-se nos partidos humanistas e movimentos sociais: guardadas do direito a ter direitos, o centro da democracia. Consciente de que a questão prioritária, na conjuntura, é evitar o cancelamento do futuro e organizar a esperança militante na manhã.

Conforme Lula, na Assembleia Geral das Nações Unidas, “o ano de 2025 registrou o maior número de conflitos armados desde a Segunda Guerra Mundial”. Mais: “A guerra não é a continuação da política por outros meios; é a falência total da política. Ameaçar civilizações de extinção não traz a paz”. E conclui, “o Brasil não cabe no quintal de ninguém”. Em contraponto, o falso patriota Flávio Bolsonaro escreve uma carta abjeta às autoridades estadunidenses, assumindo o compromisso de entregar riquezas naturais do país. Pura viralatice.

No século 17, o senhor de engenho Domingos Fernandes Calabar (1600-1635), de início, de-

fende a *Terra brasilis*. Mais tarde, resolve trocar de lado e se aliar aos holandeses na invasão do Nordeste. O filhinho do papai, a bem da verdade, nunca trocou de posição. Desde cedo, foi um chupacabra do Erário público, e continua a sê-lo com mandatos parlamentares tão mediocres como o do ascendente familiar. A mídia normaliza o escândalo lesa-pátria. Não parece, porém, que os eleitores e as eleitoras farão cara de paisagem aos descalabros sem caráter.



Foto: Falconer, David/Wikimedia Commons

Luiz Marques – Docente de Ciência Política na UFRGS, ex-Secretário de Estado da Cultura (RS). Matéria publicada originalmente na Revista *Teoria e Debate* – <https://fpabramo.org.br/o-cancelamento-do-futuro/> – em 01/10/2026.



SER PAPA EM TEMPOS DE “ANTICRISTOS”

Leonardo Boff



Fonte: Religion Digital

O Papa Leão XIV, em sua visita à Espanha em junho, fez claros pronunciamentos, nos quais contrapõe à Inteligência Artificial a Inteligência Emocional que “nos dá consolo, sentido, esperança e proximidade”, coisa que não faz a IA. Critica o ambiente autoritário que produz guerras letais. Nesse contexto, escrevi este texto.

São João, em sua Primeira Epístola, diz: “eis que já há muitos anticristos” (1João 2,18). Efetivamente estamos em tempos nos quais apareceram figuras com as características típicas dos “anticristos”. Não sou eu quem o diz. Isso está sendo afirmado por

estudiosos sérios da Bíblia, todos norte-americanos: *The Fourth Beast: Is Donald Trump The Antichrist?*, de Lawrence R. Moelhau-ser, 2016; *Is Trump the Antichrist?*, de D. Xander Varo, 2017; *Donald Trump Is the Antichrist*, de Drew Ponder, 2025. Todos estes podem ser verificados pelo Google buscando seus nomes e o resumo de suas afirmações.

À figura de Trump devemos agregar Benjamin Netanyahu, o monstruoso Herodes, genocida de milhares de crianças inocentes da Faixa de Gaza e do Sul do Líbano.

Quais são as características dos “anticristos”, válidas princi-

palmente para quem se apresenta como o “Imperador do mundo”, Donald Trump? O primeiro atributo é apresentar-se como uma divindade, como o fez com a figura de Jesus Cristo curador. Outro traço é ser inimigo de toda a vida, sugerindo a seu povo não tomar a vacina contra o Coronavírus e levando a guerra letal pelo mundo afora, com total desprezo da moral e da ética. Diz claramente que é ele que definirá o que é moral e ético.

Outro componente é desconstruir mundialmente toda uma ordem econômico-social, baseada em regras, introduzindo o caos,

com efeitos danosos para todos e para os países mais pobres. Outra característica é impor a paz não pelo diálogo e pela diplomacia, mas pela força, seja econômica, comercial ou militar, vale dizer uma pacificação forçada.

A nova ordem que Trump quer impor não passa pela paz, mas pela capitulação de todos os que se opõem a ele. E a última nota é a extrema arrogância e o ilimitado narcisismo que justificam a mentira como método e a eliminação de qualquer limite, inclusive confrontando-se de forma mentirosa com a pessoa do Papa Leão XIV.

Faz-se dono da vida e da morte das pessoas e de uma das mais veneráveis e antigas culturas como a da Pérsia (Irã). Haveria outras notas contidas especialmente no Apocalipse, particularmente na figura dos quatro ginetes (cap. 6). O que vale para Trump pode ser transposto, com muito mais razão, para o lesa-humanidade Netanyahu.

Para completar o cenário tenebroso, importa incluir as dezenas de guerras que estão ocorrendo simultaneamente, com grandes índices de letalidade. Fizeram-se

já ameaças de utilização de armas nucleares táticas (destroem menos) ou estratégicas, capazes de destruir toda a vida do planeta, deixando o Sol por longo tempo branco, em razão das partículas atômicas. Não haveria fotossíntese, nem oxigênio suficiente, nem produção de alimentos. Os que sobreviverem invejarão os que antes morreram.

Sob essas condições, como está exercendo seu ministério papal Leão XIV? Não é um Papa com o carisma próprio do Papa Francisco, de imensa irradiação, liberdade de espírito e plena consciência do que ocorre no mundo. Estamos, dizia, numa “terceira guerra mundial aos pedaços”. Claríssima como o sol foi sua advertência: “Desta vez estamos no mesmo barco, ninguém se salva sozinho, ou nos salvamos todos ou ninguém se salva” (*Fratelli tutti*, n. 32,137,138).

O Papa Leão demonstra o carisma da calma serenidade. Não alça a voz, não improvisa, pois escreve praticamente todas as suas intervenções. Com essa serena calma se coloca face a duas frentes: a interna da Igreja e a

externa no mundo convulsionado. Mas na Espanha mostrou sua emoção. Internamente na Igreja, enfatiza a unidade.

Há fraturas na Igreja, particularmente com os que ainda relutam em assumir o novo estilo de ser cristão, proposto pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), os que não aceitavam um Papa como Francisco, vindo do fim do mundo, rompendo com o estilo imperial nas formas como se organizou institucionalmente a Igreja, com palácios, símbolos pagãos nas vestimentas litúrgicas de bispos e de cardeais. Era um homem entre os homens, um Francisco de Roma, inspirado no Francisco de Assis, particularmente no cuidado com os pobres.

Na Quinta-Feira Santa de 2024, no ritual de Lava-pés, Papa Francisco, de forma inédita, optou por lavar os pés de 12 mulheres de todas as etnias e crenças em um presidio de Roma.

O Papa Leão assumiu esse legado por sua extrema sensibilidade para com os pobres, mostrando especialmente nos países que visitou na África. Ele se esforça



Fonte: Religion Digital

por criar pontes, acolhendo a diversidade até litúrgica na Igreja.

Papa Leão não quer exercer seu múnus como soberano com plenos poderes (cf. o cânon 331), mas na forma da sinodalidade. Vale dizer, quer caminhar junto com todos os fiéis, sim, como confirmador da fé comum.

A unidade visa também à humanidade tão dilacerada pelos preconceitos, exclusões violentas de imigrantes, como ocorrem nos Estados Unidos e também na Europa.

Face à frente externa, ele mostra um inequívoco carisma da coragem. Sente seu dever evangélico de Pastor de pronunciar-se sobre a sangrenta e sombria situação do mundo. Aqui, o grande tema é a paz. Em suas palavras "uma paz desarmada e desarmante".

O presidente Trump ameaçou exterminar "toda a civilização" do Irã. O Papa Leão XIV, em 7 de abril, denunciou essa ameaça como "verdadeiramente inaceitável". Conclamou a todos a "contatarem as autoridades, os líderes políticos, os congressistas – a pedirem a eles, a dizerem a eles, a trabalharem pela paz e a rejeitarem a guerra sempre".

Ao Ministro da Guerra americano, lhe diz: "não se pode fazer guerra invocando o nome de Deus". Ao Presidente Trump, que o considerou "fraco e sem entendimento de política mundial", com serenidade, respondeu: "Não tenho medo nem da administração Trump nem de falar em voz alta a mensagem do Evangelho, que é o que acredito ser minha missão, o que a Igreja veio fazer".

Com determinação, enfatiza: "A estabilidade e a paz não se constroem com ameaças mútuas, nem com armas, que semeiam destruição, dor e morte, mas apenas através de um diálogo razoável, autêntico e responsável".

Como os Papas Francisco e João XXIII, o Papa Leão XIV sustenta: "Se permanecêssemos indiferentes a esse clamor do pobre, este clamaria ao Senhor contra nós e isso tornar-se-ia para nós um pecado (cf. Dt 15, 9) e, deste modo, afastar-nos-íamos do próprio coração de Deus" (Dilexi Te, n. 8).

Muito se deveria dizer sobre o atual Papa. Mas termino dizendo que é o único a se opor diretamente aos "anticristos" que es-

tão levando a humanidade a um precipício. Transformou-se, sem querer, mas levado pela situação dramática do mundo atual, no porta-voz da humanidade, do empenho pela solidariedade, pela fraternidade universal.

Conclama à esperança, como disse na Espanha: "esperança não se sustenta unicamente nas ideias nem nos projetos, senão também na capacidade de amar, de emocionar-se e de crer". Ele representa um grito pelo cuidado da Mãe Terra e de todo empenho ecológico. Exige um sagrado respeito a cada pessoa humana. E aponta ao multilateralismo como o caminho a seguir para a humanidade. Nesse sentido vai a sua importantíssima encíclica *Magnifica Humanistas*.



Leonardo Boff – Teólogo, filósofo e escritor. Autor, entre outras obras, de *A Grande Transformação na Economia, Política e Ecologia* (Vozes, 2014). Artigo editado por limitação de espaço, texto originalmente publicado em: <https://leonardoboff.org/2026/06/10/ser-papa-em-tempos-de-anticristos/>



Fonte: Religion Digital



Primeiras pinturas em Serranópolis - GO.

ARTE RUPESTRE: O QUE SIGNIFICA?

A nomenclatura taxonômica usada pela Arqueologia para tipificar as diferenciações rupestres brasileiras nada mais é que a explicitação das diferenças de estilos e de temas que caracterizavam cada nicho específico.

Essas manifestações rupestres vêm desde a época das ocupações iniciais. No início, seriam usadas para demarcar territórios, mas, depois, também para acentuar identidades próprias que cada grupo foi agregando com o passar do tempo.

MANIFESTAÇÕES RUPESTRES: O QUE REPRESENTAM? QUE SENTIDO TÊM?

Ainda estamos engatinhando na busca do que representa e do que significa toda essa arte do Brasil Central.

Claramente se percebe que os diferentes estilos são limitados localmente e que pertencem a tradições amplamente espalhadas pelos quatro cantos do país. Para cada um deles, não há só conteúdos

diferentes, mas também diferentes maneiras de representar as coisas e, em certo sentido, até lugares diversos para colocar as figuras.

Cada um dos estilos não é, em si mesmo, tão rigidamente padronizado como às vezes nos sugere o termo, mas pode usar extrema flexibilidade nos objetos representados, na maneira de representar e nos lugares para isso escolhidos. Dos estilos estudados, Serranópolis (GO) apresenta maior variabilidade, mas Caiapônia (GO) não fica muito atrás.

Altair Sales Barbosa

Algumas populações foram capazes de pinturas naturalistas com muito movimento e cenas de grande criatividade, como as de Caiapônia; outras produziram cenas altamente estilizadas, mas muito sugestivas, como as de Jaraguá; a maior parte não soube ou não quis dar movimento às figuras e simplesmente as justapôs ou as distribuiu no espaço.

Observa-se uma forma mais naturalista em Serranópolis (GO), mais estilizada em Itapirapuã (GO) e no oeste da Bahia, ou simplesmente geométrica, como em Formosa (GO) ou Monte do Carmo (TO).

Algumas manifestações usam só a pintura, como em Caiapônia, em Formosa e na Bahia; outras, a pintura e a gravura, como em Serranópolis e em diversas outras áreas do Brasil; e outras usam só a gravura, mesmo que às vezes preencham os sulcos com pigmentos, como em Monte do Carmo.

O lugar das sinalizações costuma ser o próprio abrigo onde habitaram ou um lajedo ou bloco

de pedra na proximidade de uma aldeia, quando agricultores.

O que as figuras representam? A maior parte das cenas e outras figuras naturalistas parecem clichês ou representações da realidade cotidiana, como a caçada, o abastecimento, a família, as brincadeiras, os animais em movimento característico ou estáticos.

Entretanto, algumas áreas são exceções, como é o caso dos municípios de Jaraguá e Itapirapuã, em Goiás. Em Jaraguá, as inscrições localizadas em um bloco isolado poderiam facilmente ser interpretadas como representando sacrifício ou como sendo um lugar mitológico.

Em Itapirapuã, as cenas feitas em sulcos são tão obscuras quanto sugestivas: imensas serpentes e variados animais e símbolos.

A ARTE RUPESTRE NO COTIDIANO

Como essas pinturas se encaixam no cotidiano das populações? Certamente são excelentes marcadores de lugar.

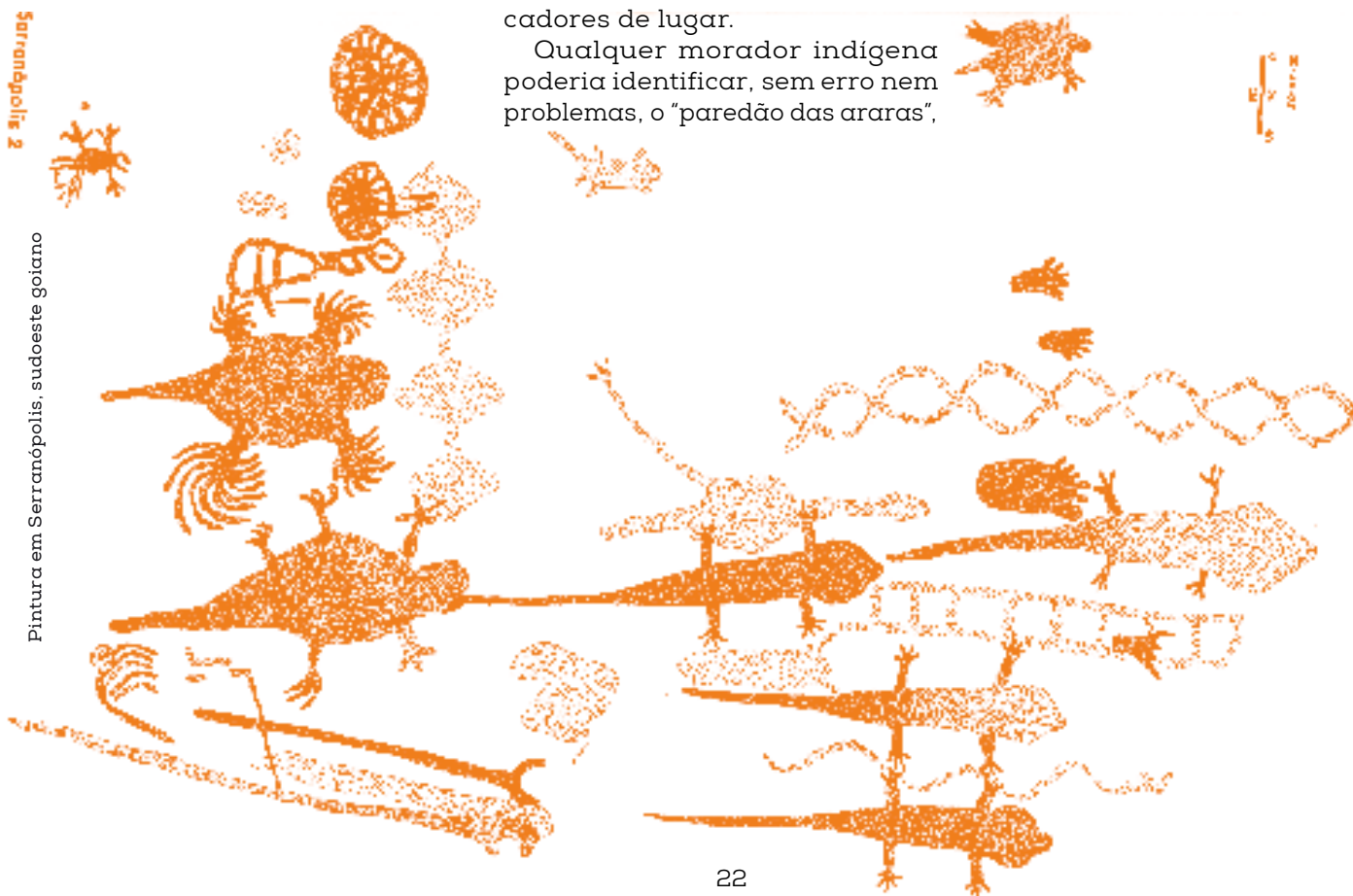
Qualquer morador indígena poderia identificar, sem erro nem problemas, o "paredão das araras",

onde existe o melhor material para fazer instrumentos de pedra; o imenso salão coberto com a "mulher pintada", onde cabia todo o bando para a estação das chuvas; a aldeia junto ao "lajedo das cobras", onde o jovem agricultor tinha de escolher a sua noiva.

Para essa identificação, poderia servir tanto uma figura isolada como um conglomerado sem sentido aparente, ou uma cena, como a "ciranda dos macacos".

Poderia servir também para marcar e delimitar o território de cada um dos grupos nômades? Mas seria somente isso? Com certeza não. A pintura "veste" os abrigos, por mais inóspitos que eles tenham parecido inicialmente, tornando-os domésticos e hospitaleiros.

Isso é evidente nos grandes abrigos de paredes verticais, cheios de quadros muito elaborados, mas aparece mais ainda nas pequenas furnas, onde as irregularidades das paredes e do teto são cobertas por rudimentares manchas



e arabescos, que decoram todo o espaço; ou em abrigos de tetos inatingíveis, contra os quais se jogam mãos cheias de tinta para que os seus respingos os transformem em verdadeiro céu estrelado. Só os espaços decorados são habitados. Abrigos com pouca decoração eram poucas vezes usados.

As pinturas mais bonitas estão nos lugares de mais difícil acesso, obrigando o artista a subir na ponta de árvores, nas saliências perigosas das rochas, ou a armar um andaime primitivo. Poderiam servir para competição e para treinamento.

As manifestações rupestres mais simples estão perto do chão, como se fossem produto de criança, imitando os mais velhos.

Os lajedos com gravuras à beira dos córregos e das lagoas, onde mora a sucuri, seriam excelentes lugares para os rituais coletivos ou para a meditação.

UM LEGADO DE MILHARES DE ANOS

O certo é que as pinturas e gravuras representam algo muito importante para os seus criadores: elas continuaram durante ao menos 10.000 anos e foram respeitadas de tal modo que só raramente se encontram figuras sobrepostas, apesar de terem sido complementadas durante inúmeras gerações.

Nelas certamente está representada parte da sua história, da sua sociedade, da sua cultura. E, ao mesmo tempo em que sucessivas gerações indígenas aprendiam através delas, como um patrimônio do passado, com satisfação as complementavam, aumentando o legado para as gerações futuras.

As gerações indígenas que nesses locais viveram migraram para locais indefinidos ou foram exterminadas, e as suas gravuras e pinturas foram abandonadas e esquecidas, até que nós as encontramos. Hoje são patrimônio do Brasil, e é nossa a responsabilidade de ressuscitá-las, para conhecimento das novas ge-



Foto: Pintura rupestre - Serranópolis-GO/ Jurandir Lima

rações, que certamente as saberão respeitar, entender e incorporar às suas vidas.

Essa reflexão foi desenvolvida pelo professor doutor Pedro Ignácio Schmitz S. J., em publicação conjunta com Altair Sales Barbosa, um dos autores do presente livro. Há entendimentos diferentes, em que se considera todo esse patrimônio, que, sem dúvida, deve ser preservado para as gerações futuras, como manifestações artís-

ticas. Como tal, não é necessária ou não cabe uma interpretação, mas somente a apreciação, pois a arte não foi feita para ser interpretada, e sim apreciada.



Altair Sales Barbosa - Pesquisador do CNPq. Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Professor convidado da UniEvangélica. Membro do Corpo Editorial da Revista Xapuri, em 650 Gerações: O Brasil antes dos Europeus, IAS-Xapuri-IHGG, 2024.



Foto: Acervo FEM/Acre

SERINGUEIRO-ARTISTA HÉLIO MELO PINTOU A ALMA ACREANA E DA AMAZÔNIA

Jornal Varadouro

O seringueiro e artista plástico acreano Hélio Melo, que teria completado 100 anos em julho último, conseguiu retratar a essência da nossa identidade enquanto povos da floresta.

Dissertação sobre o artista, publicada em livro por professor e pesquisador acreano, tornou-se referência para estudos de outros pesquisadores sobre a história de vida e a obra de Hélio Melo; nascido no seringal, Hélio Melo trazia em sua arte a sensibilidade de retratar a relação do homem com a floresta. Quadros do artista em galeria de São Paulo custam a partir de R\$ 130 mil.

Desde 2006, quando o artista Hélio Melo foi homenageado na 27ª Bienal Internacional de São Paulo – uma das três mais importantes do mundo –, sua obra passou a despertar crescente interesse de pesquisadores. Entre eles está o professor e escritor acreano Rossini de Araújo Castro, 62 anos, graduado em Licenciatura em Educação Artística pela Universidade de São Paulo (USP).

Em 2010, Rossini concluiu o mestrado em Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com a dissertação “Ambiente Amazônico: A Arte Vivencial do Artista Hélio Melo”, publicada em livro três anos depois.

O estudo nasceu de três meses de pesquisas e entrevistas realizadas em Rio Branco, além de visitas a duas galerias de arte paulistanas e à sala especial dedicada a Hélio Melo na 27ª Bienal. O trabalho recebeu reconhecimento da crítica de arte Lisette Lagnado, mestre em Comunicação e Semiótica e curadora-geral da Bienal, que passou a recomendá-lo como referência para outros pesquisadores.

Lisette cita a dissertação de Rossini no catálogo monográfico de Hélio Melo, publicado em 2023 pela Almeida & Dale Galeria de Arte, por ocasião de uma exposição do artista realizada em sua sede

na capital paulista. “É possível encontrar um repertório de textos e imagens no website baseado na dissertação do professor Rossini de Araújo Castro, dando ênfase à sua luta ambiental e ao combate contra o capital estrangeiro que dizimou as populações indígenas”, registra a curadora.

O catálogo foi lançado durante uma exposição do artista na galeria (onde as obras exibidas estavam cotadas a valores acima de R\$ 130 mil) e exibe dezenas de fotos das obras de Hélio Melo ao lado de ensaios críticos de vários autores.

Entre os textos do catálogo está também um ensaio do crítico de arte italiano e cocurador da Bienal, Jacopo Crivelli Visconti. Ao buscar definir Hélio Melo, Visconti recorre às palavras do artista acreano Dalmir Ferreira, publicadas pela Universidade Federal do Acre (Ufac): “Temos que reconhecer que a obra principal do artista está por trás do que ele pinta ou do que ele faz”.

Além desse ensaio crítico de Jacopo, os ensaios escritos por Tony Gross, Lisette Lagnado e Flávia Burlamaqui trouxeram diferentes perspectivas sobre a produção de Melo, ressaltando

o contexto em que viveu e trabalhou e explorando as nuances de sua obra.

Foi Lisette Lagnado quem idealizou a homenagem póstuma ao artista na Bienal. Em entrevista concedida à *Folha de São Paulo*, em março de 2006, pouco antes da abertura da mostra, ela contou como descobriu sua obra.

“Conheci o trabalho de Hélio Melo durante minha viagem de pesquisa a Rio Branco pelo programa Rumos Visuais, do Itaú Cultural.” Segundo ela, foi justamente no Acre, enquanto elaborava o projeto conceitual da Bienal, que percebeu a importância histórica e geográfica do estado para a discussão proposta pela exposição.

“Foi no Acre, enquanto eu estava escrevendo meu projeto conceitual para a Bienal, que eu tive a intuição de que esse estado tinha uma riqueza histórica e geográfica absolutamente pertinente para a discussão de ‘Blocos Sem Fronteiras’, que, naquela ocasião, era o título da Bienal”, afirmou. Posteriormente, a mostra recebeu o nome de “Como Viver Junto”.

O entusiasmo da curadora pelo Acre aparece com clareza em seu depoimento.

“Discutir o Acre permite aprofundar a própria América Latina, pois, além de abordar o que ocorre na região, podemos pensar em questões como território, fronteira, natureza e até mesmo inclusão do outro. A ideia de não trabalhar com fronteiras e sim com noções de vizinhança, coabitação e colaboração faz parte de meu trabalho desde sempre, como crítica e curadora independente”, resumiu ela.

“E, como eu via quadros de Hélio Melo em quase todos os lugares, principalmente instituições públicas, fiquei fascinada não somente pela pintura, de excepcional fatura, como pela história do personagem.”

DO SERINGUEIRO AO ARTISTA

Em artigo publicado em 2017, Rossini Castro lembra que, embora tenha nascido em 20 de julho de 1926, na vila amazonense de Antimari, no município de Boca do Acre, Hélio Melo é reconhecido como um artista acreano. Apesar de territorialmente pertencer ao Amazonas, o município tem uma relação muito mais próxima com o vizinho Acre. É ali que o rio de mesmo nome se encontra com o



Arte: Hélio Melo

Purus para, mais à frente, desaguar no Solimões (Amazonas).

Conhecido carinhosamente como “Seo Hélio”, ele compartilhou o destino de milhares de seringueiros que, expulsos das colocações durante as décadas de 1970 e 1980 com a chegada dos “paulistas”, migraram para as periferias de Rio Branco. Na capital, Hélio Melo passou a viver às margens do rio Acre, onde se concentravam muitos trabalhadores deslocados da floresta. Mas, se deixou os seringais fisicamente, nunca abandonou a sua essência da floresta.

Hélio Melo retratava muito bem em seus quadros este conflito entre seringueiros e a jagunçada recém-chegada à Amazônia acreana, cujo objetivo era transformar os seringais em pasto para o gado. Uma dessas obras, por sinal, foi reproduzida na capa da edição número dezessete do *Varadouro*, de dezembro de 1979. A obra retrata o seringueiro e sua família expulsos do seringal. Com o seringueiro e sua família forçados a abandonar sua terra, no lugar fica apenas o boi a observar a

partida da janela da antiga casa do seringueiro – que passava a ter um novo proprietário: o gado.

“Já no campo simbólico o artista transitou pelos vários territórios da arte, apropriando-se da linguagem da música, das artes visuais, da literatura e do teatro. Quando se mudou para Rio Branco, levou a selva consigo e costumava dizer que as imagens o perseguiram e tinha a urgência de retratar a mata”, descreve Rossini.

O pesquisador destaca ainda que a expansão da pecuária exerceu influência decisiva sobre sua produção artística. “Nas décadas de setenta e oitenta do século 20, a pecuária e a agricultura extensivas devastavam a Floresta Amazônica num ritmo alucinado.

Como resposta a essa insensatez, o seringueiro-artista Hélio Melo produzia freneticamente paisagens da floresta para advertir que a floresta era finita e deveria ser preservada para o bem comum da humanidade”.

Logo na introdução da dissertação, Rossini define que o eixo central de sua pesquisa era acom-

panhar a trajetória de Hélio Melo “de seringueiro a artista plástico”, mostrando como sua experiência social, ecológica e política deu origem a uma produção artística singular.

No artigo de 2017, o pesquisador identifica três momentos distintos na obra de Hélio. A primeira fase, entre 1978 e 1984, constitui um verdadeiro inventário da vida do seringueiro. “Ela faz uma sociologia do trabalho na Amazônia”, resume Rossini.

Na segunda etapa, embora continue retratando a floresta e as lembranças da vida no seringal, Hélio passa a incorporar elementos da cidade. O contraste entre o povo e a classe dominante ganha espaço em sua pintura.

“O artista traz para sua construção poética o distanciamento entre o povo e a classe dominante. Tenta, através de metáforas, associar a classe dos mandatários ao animal burro”, observa. Já na terceira fase, segundo Rossini, o artista desenvolve uma espécie de pedagogia baseada na própria experiência.



Arte: Hélio Melo



“Seo Hélio, com sua história peculiar, demonstra que, quanto mais circunscrito o repertório do artista, mais chance terá de se tornar universal. Ao retratar a floresta, registra em sua obra o seringueiro, o Acre, a Amazônia, a questão ambiental e a sustentabilidade, relacionando dialeticamente questões locais com processos universais”.

Essa relação entre vida e arte atravessa toda a pesquisa. Rossini demonstra que Hélio Melo formou-se longe das academias. Sua escola foram os seringais, as histórias dos povos indígenas, a convivência com os animais, os rios e a observação das profundas transformações provocadas pela ocupação econômica da Amazônia.

O CAVALO SOBRE A ÁRVORE - UM DOS QUADROS MAIS EMBLEMÁTICOS DO SERINGUEIRO-ARTISTA

Por isso, o pesquisador apresenta Hélio não apenas como artista popular, mas também como educador – alguém que utilizou a pintura para preservar memórias, denunciar injustiças e estimular uma reflexão permanente sobre a relação entre sociedade e natureza.

“A marca de seu trabalho foi a insistência em divulgar a conjuntura de sua região”, resume Rossini. Ao aproximar arte e meio ambiente, Hélio Melo transformou sua produção em instrumento de conscientização.

Essa leitura ganha ainda mais força quando a dissertação analisa sua presença na 27ª Bienal Internacional de São Paulo. Embora já tivesse falecido, Hélio participou da exposição com 58 obras, em perfeita sintonia com o tema “Como Viver Junto”.

Para Rossini, sua presença naquele espaço estava longe de ser casual. As pinturas dialogavam diretamente com a proposta curatorial ao apresentar a Amazônia como território de convivência en-



Arte: Hélio Melo

tre culturas, saberes e diferentes formas de viver.

Outro mérito da pesquisa foi o esforço de documentação. Rossini catalogou sessenta obras de Hélio Melo, reunindo um acervo até então disperso entre colecionadores, instituições públicas e familiares. Em entrevista ao *Varadouro*, Rossini afirmou que ninguém sabe a quantidade de obras que o artista espalhou pelo mundo vendendo ou presenteando.

Ao final do trabalho, Rossini deixa claro que sua intenção não era oferecer respostas definitivas, mas abrir novas possibilidades de interpretação. Sob essa perspectiva, as pinturas de Hélio Melo deixam de ser apenas belas representações

da floresta para assumir outra dimensão. Tornam-se documentos históricos, reflexões filosóficas, manifestações culturais e testemunhos de uma Amazônia em permanente transformação.

Além da Almeida & Dale, a Flexa Galeria, também de São Paulo, possui obras de Hélio Melo, mas o espaço é focado em arte popular, moderna e contemporânea e frequentemente lista desenhos em nanquim, guache e técnicas mistas sobre papel feitos pelo artista.

Artigo originalmente publicado em **Jornal Varadouro**, disponível em: <https://ovaradouro.com.br/o-visual-do-seringal/>



CIENTISTA MEXICANA DESENVOLVE TRATAMENTO PARA HPV COM LUZ

Eduardo Pereira

Estudo avalia terapia que busca preservar o colo do útero e apresenta resultados diferentes entre os grupos tratados

A pesquisadora Eva Ramón Gallegos, do Instituto Politécnico Nacional do México, liderou um estudo sobre o uso da terapia fotodinâmica no tratamento da infecção por HPV e de lesões de baixo grau no colo do útero. O trabalho com 29 mulheres da Cidade do México apresentou resultados promissores. A proposta é ampliar as possibilidades de tratamento preservando o tecido saudável.

Os resultados foram divulgados pelo instituto em 2019 e publicados em 2023 na revista *Photochemistry and Photobiology*. As participantes tinham diagnósticos diferentes: HPV sem lesões, HPV acompanhado de neoplasia intra-epitelial cervical de grau 1 (NIC 1) ou NIC 1 sem detecção do vírus.

Segundo o IPN, o vírus deixou de ser detectado em todas as

participantes do grupo com HPV sem lesões. Entre as mulheres com HPV e lesões, a eliminação viral ocorreu em 64,3%. No grupo com lesões sem detecção do vírus, houve sucesso no tratamento das alterações em 57,2%. O artigo apresenta resultados aos seis meses, mas informa que, neste último grupo, a melhora não atingiu significância estatística. O índice de 100%, portanto, não se aplica às 29 mulheres em conjunto.

A técnica, chamada terapia fotodinâmica, começa com a aplicação de ácido aminolevulínico no colo do útero. Nas células, ele dá origem a uma substância sensível à luz. A iluminação direcionada desencadeia então reações capazes de destruir células alteradas. Nesse grupo, o tratamento foi aplicado duas vezes, com intervalo de 48

horas. O projeto registra relatos de irritação leve na região genital após o procedimento.

A própria infecção pelo HPV costuma ser controlada pelo organismo, o que exige comparações adequadas para estabelecer o benefício de uma intervenção. O estudo abre uma possibilidade de cuidado, mas não comprova uma cura definitiva do HPV nem do câncer. Enquanto a investigação avança, vacinação, rastreamento e tratamento oportuno das lesões precursoras seguem essenciais para prevenir a doença.



Eduardo Pereira -
Sociólogo.

“O REMÉDIO É CANTAR”: A CURA-TAMBORIM DE DONA IVONE

Arthur Wentz e Silva

Há muitos motivos para ter orgulho de ser brasileiro, e um deles atende pelo nome de Dona Ivone Lara. Sambista, cantora, assistente social e enfermeira, sua história se confunde com o que existe de mais forte na nossa gente, a vontade de reconstruir, curar e cuidar pelo samba.

Nascida Yvonne Lara da Costa, em 1921, Dona Ivone perdeu o pai cedo e cresceu entre a casa dos tios e o internato do Colégio Orsina da Fonseca, onde estudou canto orfeônico com Lucília Villa-Lobos e teve contato com o próprio Villa-Lobos, o que lhe deu uma formação que poucos sambistas da época tiveram. Mas o chão de sua música sempre foi outro, o do quintal de tia Eulália, onde o jongo, o choro e o samba se misturavam, e o do Império Serrano, a escola que ajudou a erguer em Madureira.

Engana-se, portanto, quem acredita que Dona Ivone se limitou aos terrenos da arte musical. Muito pelo contrário, como enfermeira e assistente social, a sambista trabalhou ao lado da psiquiatra Nise da Silveira, no Engenho de Dentro, na reforma psiquiátrica que transformou o olhar e o cuidado ao redor do mundo. Defendeu, junto à psiquiatra, que o cuidado passa pela abertura de espaço para a expressão e, assim, as telas e tintas de Nise cederam espaço também para o tamborim e o surdo de Dona Ivone.

No Império Serrano, tornou-se a primeira mulher a assinar um samba-enredo, num tempo em que a composição feminina quase sempre ficava nos bastidores, e há quem conte que muitos sambas chegavam à roda sob o nome de outros. Em 1965, "Os Cinco Bailes da História do Rio", feito com Silas de Oliveira e Bacalhau, rompeu

essa barreira e fez dela referência para todas as compositoras que vieram depois.

O tamborim que cura é exatamente a figura de Dona Ivone se pensarmos na marcação da virada, no desenho da síncope e na atenção ao detalhe. Sua obra se concentra exatamente na costura do detalhe, do dizer sincero. Em "Sonho Meu", "Alvorecer" e "Acreditar", o que se ouve é uma melodia que acalma sem anestesiá-la, uma saudade que não paralisa. Sua voz cura no sentido mais exato da palavra, tratando a ferida sem fingir que ela não existia. É a palavra, o timbre e o arranjo invadindo o corpo e fazendo da catarse o sopro de vida que resiste.

No fundo, o que a menina do Império Serrano fez foi conhecer a profundidade do samba e extrair dele o sulco de ginga existente no conjunto de acordes e notas. Basta

entender que, apesar de nascido da dor, o samba se fez encontro, memória e resistência. E, sendo assim, cada roda é um território onde a voz é poder e o coletivo é a força. Num país atravessado por feridas que ainda sangram, o samba de Dona Ivone é a cura que restaura os monumentos da esperança e reconstrói um mundo onde a felicidade seja direito.

Dona Ivone sabia disso quando levava o tamborim para dentro do hospital e a enfermaria para dentro da roda. Ser do país dela é, no fim, herdar a responsabilidade doce de cuidar uns dos outros no compasso e de lembrar, a cada refrão, que o remédio é cantar.



Arthur Wentz e Silva – Estudante de Letras: Língua Portuguesa e Respectiva Literatura na Universidade de Brasília (UnB) e revisor da Revista Xapuri.



Foto: Acervo Dona Ivone de Lara.

ACRE ELEGE ASSEMBLEIA SEM MULHERES EM ESTADO COM A MAIOR TAXA DE FEMINICÍDIO DO PAÍS

Fabio Pontes dos varadouros de Rio Branco



O plenário da Assembleia Legislativa do Acre; um parlamento formado só por homens a partir de 2027, num estado marcado pela violência de gênero (Foto: Assessoria Aleac)

As 24 cadeiras da próxima legislatura serão ocupadas por homens. Ausência feminina expõe desigualdade na representação política em meio à consolidação da direita no estado, e em meio a um ambiente marcado e pelo machismo estrutural e pela violência de gênero.

Embora as mulheres representem cerca de 52% do eleitorado acreano, o Acre não elegeu nenhuma deputada estadual em 2026. O resultado evidencia a distância entre a presença majoritária das mulheres nas urnas e sua representação nos espaços de poder. Elas são maioria na hora de escolher os rumos do estado, mas ficarão sem uma representante no Legislativo estadual.

O resultado ganha dimensão ainda mais grave diante da violência de gênero no estado. Segundo o Ministério Público do Acre (MPAC), com base em levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Acre registrou 14 feminicídios em 2025. A taxa de 3,2 mortes por 100 mil mulheres foi a mais alta do Brasil e superou em mais de duas vezes a média nacional, de 1,43.

A ausência de deputadas significa que nenhuma mulher eleita participará diretamente, como parlamentar estadual, da votação do orçamento, da elaboração das leis e da fiscalização das políticas do governo pelos próximos anos.

A responsabilidade por cobrar recursos para prevenção da violência, atendimento às vítimas e autonomia econômica feminina ficará integralmente com uma bancada formada exclusivamente por homens.

"A gente precisa falar da realidade feminina, precisa falar e lembrar para todos que o machismo estrutural ao qual todos estão acostumados não é normal. Então nós vamos ter uma perda muito significativa dentro da Assembleia Legislativa, e eu sinto muito por isso", afirma a deputada Michelle Melo (União), em entrevista ao *Varadouro*.

"Todo o Brasil, todo o mundo tem lutado pela paridade de gênero, pela igualdade, pela ocupação dos espaços e, infelizmente, nós tivemos este retrocesso aqui no Acre."

Perguntada sobre o simbolismo de esse machismo estrutural ter sido representado pela eleição de apenas homens para a Aleac, a parlamentar avalia que a própria sociedade acreana ainda não entendeu a dimensão que representa a luta das mulheres pela ocupação dos espaços pelas mulheres, pela luta por seus direitos e pelo combate à violência de gênero.

Michelle lembra que os homens estão no poder há mais tempo, que o "poder estrutural" é masculino, e que as mulheres não concorrem em pé de igualdade na batalha pela ocupação destes espaços.

"Nós mulheres competimos uma competição muito desleal porque a estrutura destes homens poderosos que estão no poder há muito tempo acaba fazendo a diferença nas eleições", completa ela.

UMA SOCIEDADE HIERÁRQUICA

Para a professora de Direito da Universidade Federal do Acre (Ufac) e ativista dos direitos das mulheres, Leonísia Moura, o resultado das urnas para a Aleac reproduz a realidade de uma sociedade hierárquica.

"Acho que este resultado também pode ser visto como um reflexo da própria violência que está sendo questionada como um dos estados que está sempre no topo do ranking de feminicídio. O feminicídio não acontece dentro de um vácuo político. Ele está colocado dentro de relações sociais, de gênero, de raça, de classe, e este resultado reproduz isso", afirma Leonísia, que também é colunista do *Varadouro*.

De acordo com ela, ao se olhar a configuração da sociedade na América Latina como um todo, o espaço da mulher ainda está reservado para os afazeres domés-

ticos – em especial para as mulheres racializadas – enquanto os homens estão nos espaços de poder – seja o político ou o financeiro.

"Termos uma configuração 100% masculina na Assembleia Legislativa num estado que mais mata mulheres por questão de gênero passa uma mensagem de que o lugar da mulher não é na política, não é no espaço público. De que este espaço de legislação, de fiscalização não é para mulheres, e nós teremos esta mensagem sendo transmitida durante quatro anos", ressalta a pesquisadora.

Para Leonísia Moura, o fato de a Aleac passar a ter uma composição hegemônica masculina a partir de 2027 não tira dos deputados a sua responsabilidade de elaborar propostas que vão no sentido de fortalecer políticas de combate à violência de gênero e de garantia dos direitos das mulheres. "Pelo contrário, isso aumenta as suas responsabilidades".

CONSOLIDADA PAUTA CONSERVADORA

A composição partidária também revela a força dos partidos situados à direita. O PP conquistou cinco cadeiras; União Brasil e PL, quatro cada; e Republicanos, três. Juntas, essas quatro siglas terão 16 dos 24 deputados, dois terços da Assembleia. MDB e PSD elegeram dois representantes cada, enquanto PDT, Novo, PCdoB e PSDB ficaram com uma cadeira cada.

O predomínio desses partidos acompanha a consolidação do campo conservador no Acre, processo que o *Varadouro* vem abordando na cobertura eleitoral, naquilo que é definido como o Acre Endireitado.

Entretanto, a composição partidária e a ausência de mulheres, por si só, não permitem estabelecer uma relação causal entre o avanço da extrema direita e a exclusão das candidaturas femininas. Essa avaliação exige exa-



Da esq. pra dir. a dep. federal reeleita Socorro Neri, a dep. federal reeleita Perpétua Almeida e a senadora eleita Mara Rocha; as mulheres vitoriosas nas urnas em meio a uma hegemonia masculina no resultado eleitoral de 2026.

minar como os partidos distribuíram financiamento, estrutura de campanha e espaço político entre seus candidatos.

Atualmente, o estado do Acre é governado por uma mulher. Mailza Assis (PP) assumiu o Palácio Rio Branco no último dia 2 de abril, com a renúncia do então titular do cargo, Gladson Cameli (PP), para concorrer ao Senado – ele saiu derrotado.

Já Mailza não conseguiu votação suficiente para se eleger no primeiro turno, e irá para uma nova frente de batalha para assegurar a sua continuidade à frente do Poder Executivo. Ela também tem uma mulher como sua candidata a vice, a ex-deputada federal Jéssica Sales (MDB).

No domingo, uma mulher foi eleita senadora, a jornalista Mara Rocha (Republicanos), e outras duas para a Câmara dos Deputados: Socorro Neri (PP), a mais bem votada e reeleita, e Perpé-

tua Almeida (PCdoB), que volta a representar o Acre em Brasília.

VIOLÊNCIA EXIGE ORÇAMENTO E FISCALIZAÇÃO

A violência contra as mulheres já impõe demandas concretas ao poder público. Em Feijó, por exemplo, o MPAC informou em setembro que fiscalizava a implantação de um Centro de Referência de Atendimento à Mulher. O município registrou sete feminicídios consumados entre 2018 e setembro de 2026, além de dez tentativas entre 2018 e 2024. Somente em 2025, foram concedidas 134 medidas protetivas de urgência.

Há também políticas cuja execução precisa ser acompanhada. O governo estadual anunciou um plano decenal de enfrentamento à violência contra a mulher, com metas de prevenção e proteção. A existência dessas iniciativas exi-

ge fiscalização sobre orçamento, alcance territorial e resultados, especialmente para as mulheres que vivem longe dos principais centros urbanos.

A ausência de deputadas não retira dos 24 eleitos a obrigação de enfrentar essas demandas. Amplia, porém, o déficit de representação em uma instituição que decide sobre questões centrais da vida das mulheres acreanas. No Acre que emerge das urnas, o combate à violência de gênero terá de ser cobrado de um Parlamento eleito exclusivamente masculino.



Fabio Pontes – Jornalista. Matéria publicada originalmente no *Varadouro* – um jornal das selvas – <https://ovaradouro.com.br/acre-elege-assembleia-sem-mulheres-em-estado-com-a-maior-taxa-de-feminicidio-do-pais/>

A FLORESTA E A VIDA

— Ailton Krenak

“Nós entendemos que a floresta é um ser vivo. A floresta sustenta milhares de pessoas, animais e plantas. É a fonte da vida”.

O cajueiro tem uma vida de seiscentos anos. Um mogno chega a ter mil e duzentos. Quando nos sentamos a seus pés, escutamos a sua história de vida e seus cantos.

A civilização ocidental não só veio desrespeitando os meus ancestrais, que vieram nos ensinando como caminhar neste planeta, como também pisoteou os seus valores. Mas nós continuamos ensinando às nossas crianças.

Quando chegamos à Terra, dessemos como pássaros que pou-sam silenciosamente, e um dia

partimos de viagem ao céu, sem deixar marcas.

A filosofia ocidental prega que “existimos para realizar algo”, e então mandam produzir suas es-culturas, deixar seu registro de realizações. Provavelmente, para os ocidentais, é honroso fazer ba-ruído escandaloso na morte. É só ver a quantidade de monumentos construídos homenageando seus heróis. Entretanto, penso que pode-mos existir sem ter que deixar nada. Isso porque receber a vida e viver, por si só, é maravilhoso demais. As pessoas de países desenvolvidos se dizem guardiãs do planeta.

Mas o que é essa ciência que pro-duz um monte de coisas e depois fica buscando, desesperadamen-

te, o que fazer com os resíduos? O que é a cultura baseada nes-se tipo de ciência? Se amanhã a humanidade desaparecer do pla-neta, quem vai se incomodar? A galáxia e o universo continuarão existindo, como se nada tivesse acontecido. E daí, se, em um dia do futuro, o tamanduá se encon-trar com o tatu e lhe perguntar: “Tem visto ultimamente os hu-manos?”, o tatu lhe responderá: “É verdade, antigamente tinha uns humanos, né?”



Ailton Krenak - Escritor.

NOTA: Conselheiro da revista *Xapuri*. Este texto é um re-corte de uma das reflexões do livro *Um rio um pássaro*, escrito por Ailton Krenak.



Foto: Getty Images

CRISE CLIMÁTICA DEVE SER DECLARADA EMERGÊNCIA INTERNACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA

Nicholas Brink; Robb Butler; Fortunate Machingura; Matthew Chersich

Foto: Gustavo Mansur/ Palácio Piratini (RS)



Carta publicada na The Lancet conclama a OMS e seus Estados-membros a acionarem mecanismo do Regulamento Sanitário Internacional para ampliar a coordenação, o financiamento e a resposta global à crise

As mudanças climáticas estão moldando a saúde no século XXI. Somente nas últimas semanas, o Nepal enfrentou inundações repentinas sem precedentes, enquanto diversos países registraram ondas de calor letais e incêndios florestais catastróficos.

O *El Niño* está agora firmemente estabelecido e há previsão de que se intensifique ainda mais. O hemisfério Sul enfrenta um verão de ondas de calor extremas, secas e inundações, que ameaçam especialmente a saúde materna e

infantil e aumentam a ocorrência de surtos de doenças infecciosas.

As populações dos países de menor renda suportam uma parcela desproporcional desses impactos, embora sejam as que menos contribuem para as emissões e disponham de menos recursos para responder a eles.

Nesses países, muitos sistemas de saúde e de resposta a emergências já foram levados além de seus limites, enquanto emergências sanitárias transfronteiriças, com grande número de vítimas, se

desenrolam. São acontecimentos graves, internacionais e que estão ocorrendo agora – e não algum cenário hipotético de risco futuro.

Trinta anos de negociações no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima produziram sucessivos compromissos, mas ações limitadas. Mudanças políticas estão rapidamente corroendo avanços conquistados com grande esforço.

O relatório mais recente do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, *Limiting Overshoot*,

considera agora inevitável a ultrapassagem do limite de 1,5 °C estabelecido pelo Acordo de Paris.

A magnitude dessa ultrapassagem, contudo, ainda está sob nossa influência: ainda podemos determinar se cruzaremos limiares planetários irreversíveis e ultrapassaremos os limites da capacidade de adaptação.

O Regulamento Sanitário Internacional prevê a declaração de uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) justamente para esse tipo de acontecimento extraordinário, que exige uma resposta internacional coordenada. Durante uma ESPII, os países têm obrigações legais de estabelecer estruturas nacionais de vigilância e apoiar atividades internacionais coordenadas.

A Comissão Pan-Europeia sobre Clima e Saúde de 2026 e outros atores já haviam defendido anteriormente a declaração de uma ESPII. Chegou o momento de os Estados-membros acionarem formalmente esse mecanismo.

Isso poderia catalisar uma resposta de saúde pública mais equitativa e coordenada, priorizando o cuidado e o apoio às populações afetadas e, ao mesmo tempo, criando as bases para uma abordagem de saúde pública voltada à redução das emissões.

A medida estabeleceria mudanças concretas e com prazos definidos na ação climática, sustentadas pela coordenação, pelo financiamento e pela colaboração globais, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional.

Uma vez estabelecida uma resposta às mudanças climáticas mais robusta e centrada na saúde, a ESPII poderia ser encerrada, e as respostas permanentes passariam então a ser administradas como parte das funções essenciais da Organização Mundial da Saúde (OMS) e dos Estados-membros. A declaração de uma ESPII representaria um momento para repensar o papel da OMS na resposta à crise climática.

Embora a ESPII relacionada ao Ebola já esteja pressionando os recursos limitados da OMS, as comunidades que enfrentam a crise climática não podem esperar. Emergências de saúde pública não acontecem de maneira sequencial: elas se sobrepõem e agravam umas às outras.

Além disso, as ESPII destinam-se a orientar ações preventivas e antecipatórias dos riscos, e não apenas a assinalar o pior momento de uma crise ou uma catástrofe irreversível.

Uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional deve ser declarada agora, enquanto uma ação global coordenada ainda pode reduzir os danos. A OMS e seus Estados-membros precisam agir antes que seja tarde demais.

Artigo originalmente publicado na Revista **The Lancet**, disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(26\)01919-7/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(26)01919-7/fulltext)



Foto: Ghada Safar/Médico Sem Fronteira (MSF)



COM MEDO DE SER INFELIZ: ELEIÇÃO: EU NÃO ME ENTREGO, NÃO!

José Bessa Freire

***"Se entrega, Corisco! – Eu não me entrego, não!
Não me entrego a tenente, não me entrego a capitão!
Eu me entrego só na morte de parabelo na mão!"
(Glauber Rocha, 1964, ano do golpe empresarial-militar)***

O resultado do primeiro turno me deixou duas noites seguidas com insônia. Com medo de ser infeliz. Não fui o único. Lembrei-me de dona Maria Alberta, que compartilhava residência com 70 idosos num asilo em Portugal e era atacada de madrugada por um vulto com foice de cabo comprido, corpo peludo e disforme.

Era a NOITE, personagem do romance *"Misericórdia"* de Lídia Jorge (Prêmio Camões 2026), que se sentava na beira da cama, fixava seu olhar sem olhos nos olhos de dona Alberta e a atormentava com a pergunta, cuja resposta ela sabia desde criança, mas não conseguia mais lembrar:

– Baku é a capital de qual país?

O monstro noturno insistia repetidas vezes, impedindo que dona Alberta dormisse. Ela se angustiava com a pergunta martelando sem cessar em sua cabeça. Recordava que Baku era capital de um país rodeado pelo mar Cáspio e pelas montanhas do Cáucaso, lembrava detalhes da sua história e da sua econo-

mia, que produzia petróleo e gás natural, trigo, cevada e batatas, mas inexplicavelmente o nome não lhe vinha à mente. Revirava na cama cutucada impiedosamente pela NOITE.

Cada um tem a Baku que merece. Pois não é que a Monstra pulou das páginas da *"Misericórdia"* para minha cama e me atormentou dois dias seguidos com perguntas insistentes:

– Por que a extrema direita conseguiu eleger 25 senadores pelo PL (vixe, vixe)? Como Marina Silva, Simone Tebet e Benedita da Silva perderam para quatro biltres? Como é que o Rachadinha obteve mais votos que o Lula?

E para piorar a situação, a NOITE chamou Rita Lee, que saltitou na minha cama, gesticulou na escuridão, fez caretas e cantou *"Arrombou a Festa"* perguntando:

– Ai, ai, meu Deus, o que foi que aconteceu com a Música Popular Brasileira?

Eu não sabia responder. Lula teve apoio da fina flor da intelectualidade: cantores, artistas, atores de teatro e de telenovela, cineastas, juristas, intelectuais de renome internacional, produtores culturais, economistas, jornalistas, influenciadores, professores de universidades, estudantes, publicitários, sindicalistas, gente respeitada e querida pela população, mas nada disso convenceu a maioria dos eleitores.

Afinal, o que aconteceu com tantas celebridades, que fizeram postagens em favor de Lula sem convencer a maioria dos eleitores? Ficamos apenas dentro da nossa bolha?

RUMO DA MINHA VIDA

A NOITE cruel inibiu meu sono, marretando sem parar, com obsessão. Deixou-me exausto, com os olhos ardendo. Ao amanhecer, recolheu seus braços com o papo peludo e seu roupão de penas pretas e desapareceu derretida pelo sol. Durante o dia inteiro,

mastiguei as perguntas obsessivamente, quando surgiu a pista de resposta graças à máquina de lavar roupa de casa, que parou de centrifugar.

O técnico Zeca Aleluia-Aleluia (com esse nome aparece nas redes sociais) examinou o tambor que deixou de girar e marcou voltar na sexta-feira, 11 de outubro. Justificou por que eu teria que esperar:

– Tenho que fazer tudo sozinho. É difícil encontrar um ajudante, os vagabundos recebem a tal bolsa-família e não querem mais trabalhar. Não querem nem pagar o dízimo para a nossa Igreja.

Fiquei olhando para a máquina parada. Achei que havia alguma coisa familiar naquela cena: quando o tambor não gira, a roupa não sai do lugar; quando a política trava, a gente também fica rodando em falso, esperan-

do alguém descobrir onde está o defeito.

Zeca Aleluia-Aleluia foi embora prometendo voltar. Eu fiquei com a máquina parada, a roupa molhada e mais uma pergunta na cabeça: e se o problema não estiver no tambor, mas em quem escolhe a direção da máquina?

Foi aí que pensei em Igrejas como a Universal do Reino de Deus (IURD), propriedade de Edir Macedo, transformada em partido político, que comercializa a imagem de Cristo. Brizola já havia cantado a pedra há mais de 20 anos: *"Se os evangélicos entrarem na política, o Brasil irá para o fundo do poço, o país retrocederá vergonhosamente e matarão em nome de Deus"*.

Aí está uma das chaves para responder à Monstra Noturna sobre o resultado das urnas. No domingo da eleição, uma amiga minha passou diante de um tem-





plo em Copacabana, de onde saíam fiéis exibindo a “colinha” dos candidatos em quem deviam votar. Uma ovelha desgarrada rasgou o papel, reclamando que o pastor não era dono de seu voto. Mas foi uma exceção.

De qualquer forma, fiquei com munição para a segunda noite, pensando na versão brasileira do bolerão mexicano “Aquece-me esta noite” gravado por Dalva de Oliveira, tocada na Rádio Baré de Manaus na década de 1960:

*Eu sei que nesta noite /
de ânsia incontida /
será traçado o rumo /
de toda a minha vida.*

Bastou apagar a luz, e o personagem das trevas atravessou a parede, rodopiou para dentro do quarto e, de pé, ao lado da cama, atacou outra vez:

– Você leu o editorial *Flávio e a sombra dos milicianos do insuspeito Estadão*? Lá está escrito com todas as letras que Flávio Rachadinha tem conexões históricas com milicianos e é um perigo para a democracia.

Então como é que um mequetrefe autor de tantas falcatuas,

que tomou dinheiro da Previdência Social roubado pelo Vorcaro, que é lambe-botas do poder estadunidense, que se preocupa apenas com os interesses de sua família, pôde passar a perna num estadista reconhecido internacionalmente, defensor de nossa soberania, com programas sociais em benefício da população?

RESPOSTA DO TRAVESSSEIRO

A pergunta me angustiava e uma vez mais ouvi a voz de Dalva de Oliveira, cujo conselho segui:

*“Pergunta ao travesseiro /
Lá fora o que te espera /
Uma noite perdida /
Nunca se recupera”.*

O travesseiro considerou que a ação das igrejas-partido político era um fato, mas que debaixo daquele angu tinha mais carvão. Recomendou que eu só conseguiria dormir se lesse o *Brasil de Fato*. Levantei-me de madrugada, abri o computador e li o artigo de Leonardo Fernandes, que compara a eleição presidencial na Colômbia, em junho des-

te ano, com a nossa, afirmando que qualquer semelhança não é mera coincidência.

Contra todas as pesquisas, o candidato Abelardo Espriella, de extrema direita, recebeu 43% dos votos contra 40% do esquerdista Iván Cepeda. No segundo turno, o Rachadinha de lá ficou com 49,66% e seu adversário com 48,70%.

Empurrei goela abaixo da NOITE o artigo, que pode explicar o resultado do primeiro turno no Brasil, ao comprovar a interferência eleitoral dos Estados Unidos, que articularam e manipularam as redes digitais, robôs, dados vazados, uso intensivo de inteligência artificial, como explicou a analista digital colombiana Susan Pérez, autora de análise forense sobre a campanha de desinformação. Ela documentou a criação de plataformas com repórteres gerados por IA, que direcionavam a opinião pública sem revelar o financiador responsável.

Uma investigação jornalística revelou a existência do Projeto Júpiter –rede secreta de manipulação montada para interferir no processo eleitoral da Colômbia. Susan analisou o papel de colombianos no exterior nessa rede de

desinformação, o que nos remete, no caso do Brasil, ao empresário Paulo Figueiredo, neto do último general ditador, a Allan dos Santos e Alexandre Ramagem, o golpista ex-diretor da ABIN, e ao execrável Eduardo Bananinha, suspeito de viver com a grana do Vercaro enviada por seu irmão Rachadinha.

- Apenas uma página colombiana publicou mais de 1.100 vídeos e fictícias entrevistas de rua com 380 milhões de visualizações. Por meio do cruzamento de dados em redes sociais, os anúncios são direcionados a perfis de eleitores específicos, impedindo a ação dos órgãos fiscalizadores. No Brasil, essa conta deve ter sido maior.

O artigo cita *The New York Times* e *The Guardian* sobre as redes abertas e o uso de contas automatizadas, apontando que o fator mais decisivo na difusão de conteúdos falsos e atentatórios à democracia ocorreu no ambiente privado de aplicativos de mensagens, como grupos de WhatsApp familiares ou de trabalho, em que a criptografia impede a auditoria.

EXÉRCITO DO LULA

O presidente Petro alertou Lula sobre a dimensão digital do esquema: "Cuidado com os algoritmos" e com a máquina de *fake news* e seus ecossistemas desinformativos altamente sofisticados de intervenção simultânea em vários níveis.

Avisei pra NOITE importuna que me alistei como soldado no Exército digital do Lula comandado por André Janones. A trincheira é um canal no Zapp voltado para a militância progressista neste segundo turno. E gritei em alto e bom som a frase de Othon Bastos, com 92 anos de idade, retirada do filme de Glauber Rocha *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, que dá o título ao seu monólogo de duas horas:

- Não me entrego, não.

Já alvorecendo, dei um chega pra lá na NOITE e botei a Monstra pra correr. Ela escafedeu-se

e só então pude dormir tranquilo, porque agora eu sei que Baku é a capital do Azerbaijão e que **eu não me entrego, não**, seguindo o exemplo do Corisco. Mas a história ainda não terminou. Sonhei com Ademir, o advogado vigarista protagonizado por Dan Stulbach em *Quem Ama Cuida*, que cortava o cabelo com o barbeiro Guilherme Boulos, sob o olhar atento de Pilar (Isabel Teixeira):

- Em quem você vai votar, Ademir?

- No Flávio Rachadinha, que chamou o meu cliente Daniel Vercaro de irmão.

Boulos, contrário a qualquer tipo de violência, pegou a navalha para fazer o acabamento e limpar os pelos indesejados da nuca e inocentemente perguntou outra vez:

- Não ouvi direito. Em quem?

- No Lula, respondeu Ademir, se borrando de medo com a navalha na sua nuca.



José Bessa Freire - Cronista. Professor. Indigenista. Conselheiro da *Revista Xapuri*. Publica suas crônicas em <https://www.taquiprati.com.br/cronica/1871-com-medo-de-ser-infeliz-eleicao-eu-nao-me-entrego-nao>





Imagem: Antenor Pinheiro (dezembro/2014)

ESCRITO PELO VENTO, O RIO E O MAR

— Antenor Pinheiro, especial de *Mangue Seco*, Bahia

No extremo norte da Bahia, quase tocando Sergipe, um lugar parece existir naquele delicado instante em que a terra ainda não decidiu se pertence ao rio ou ao mar. Ali, entre o rio Real e o Atlântico, a geografia não se apresenta como cenário imóvel. Respira, desloca-se, transforma-se. E deixa ao vento a tarefa de redesenhar seus contornos até que surja... Mangue Seco. As dunas talvez sejam sua expressão mais bonita. Sob a luz intensa do litoral, levantam-se como ondas que esqueceram de voltar ao oceano. O vento corre sobre elas, transporta a areia, suaviza suas encostas e apaga lentamente os vestígios de quem passou. Pela manhã, uma forma; ao entardecer, outra. Em Mangue Seco, até a paisagem parece conhecer a impermanência. Os coqueiros inclinados acrescentam poesia a essa arquitetura natural. Curvados pela insistência dos ven-

tos, não parecem vencidos, mas adaptados. Há neles uma espécie de memória da direção dos ares, como se seus troncos fossem bússolas silenciosas apontando os caminhos invisíveis da atmosfera. Entre dunas, manguezais, praias e águas estuarinas, manifesta-se uma paisagem construída pelo encontro de forças antigas: marés, correntes, sedimentos, ventos e rios. É uma geografia de transição, dessas em que os limites se tornam imprecisos e a natureza revela que nenhuma linha desenhada no mapa é tão absoluta quanto parece. Também a história chegou pelo rio e pelo mar. Pescadores, pequenas embarcações e gerações de moradores fizeram dessas margens território de vida e pertencimento. O relativo isolamento ajudou a conservar não apenas feições da paisagem, mas uma relação humana ainda marcada pelos ritmos da água, da maré e do vento. Depois veio

a literatura. O universo de Tietá do Agreste, de Jorge Amado, e suas adaptações ajudaram a levar aquelas dunas para o imaginário de milhões de gentes. Mangue Seco tornou-se, assim, lugar real e paisagem sonhada. Fotografá-lo é tentar guardar aquilo que nasceu para mudar. A câmera aprisiona por um instante a curva de uma duna, a sombra de um coqueiro, uma pegada sobre a areia. Mas o vento logo retorna e modifica tudo. Talvez esteja aí seu maior encanto, porque Mangue Seco nunca é exatamente o mesmo de agora há pouco. É uma geografia escrita na areia, uma história de amor entre o vento, o rio e o mar.



Antenor Pinheiro –
Geógrafo. Membro do
Conselho Editorial da
Revista Xapuri.

ANA ELISA, RENATO FREITAS E JONES MANOEL: A SAÍDA PARA A ESQUERDA É RADICAL E PRETA

— Aquiles Marchel Argolo

As eleições de 2026 no Brasil foram um fiasco para a esquerda. A eleição de Ana Elisa, Jones Manoel e Renato Freitas comprova a eficácia de uma nova prática política de esquerda – jovem, radical e digital –, mas também expõe as limitações estruturais dessa prática na conversão de “influência” em “poder institucional”.

ANA ELISA: A NATIVA DIGITAL COMO NOVO PARADIGMA DA ESQUERDA

Ana Elisa Santos Silva (PT-MG), de 21 anos, é a figura mais emblemática da nova geração de esquerda nesta eleição. Com 524.219 votos, tornou-se a deputada federal mais votada do PT em todo o país e a segunda candidata mais votada de Minas Gerais. Sua campanha dependeu quase inteiramente das redes sociais: mais de 2 milhões de seguidores no Instagram e cerca de 1 milhão no TikTok.

Sua agenda política tem características claramente de nova esquerda: fim da escala “6x1”, ampliação do programa “Pé-de-Meia”, criação de um fundo nacional de transporte estudantil, fortalecimento da saúde e educação públicas, manutenção das cotas raciais.

Mais importante ainda, logo após a eleição, ela lançou um apelo de significado estratégico para toda a esquerda: “não existe separação entre a rua e a



Foto: Reprodução/Instagram

rede”. Ela pediu publicamente que a esquerda “deixe de lado a ignorância e vista a sandália da humildade”, aprendendo com quem sabe operar as redes sociais.

JONES MANOEL: A TENTATIVA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DO DISCURSO RADICAL

Jones Manoel (PSOL-PE) foi eleito com 249.077 votos, tornando-se o primeiro deputado federal do PSOL no Nordeste e o segundo deputado federal mais votado do estado. Em seu discurso de vitória, declarou: “Depois de mais de cinquenta anos, voltamos a ter um comunista no Congresso”, e afirmou explicitamente que “hoje eleito deputado federal, amanhã serei presidente do Brasil”.

Ele listou explicitamente como prioridades legislativas a “redução da jornada de trabalho para 30 horas semanais”, a “revogação da reforma trabalhista” e o “combate à pejotização”.

Vale destacar que Jones, embora tenha apoiado a candidatura de Lula no segundo turno, manteve críticas à política econômica do governo do PT. Ele



Foto: Reprodução/Instagram



afirmou que todas as suas críticas ao governo Lula estavam “corretas”, acusando a política fiscal de não estimular a atividade econômica, de não reduzir os juros e de, na prática, promover a privatização de serviços públicos.

RENATO FREITAS: A JUSTIÇA SOCIAL COMO PONTO DE PARTIDA DA POLÍTICA RADICAL

Renato Freitas (PT-PR) foi eleito com 115.227 votos, tornando-se o primeiro deputado federal negro da história do Paraná. Sua trajetória política é, em si mesma, produto da resistência radical: como vereador em Curitiba, enfrentou um processo de cassação por ter organizado protestos antirracistas em 2022.

A eleição de Freitas confirma a eficácia do “antirracismo como eixo central de mobilização da esquerda”.

O DILEMA ESTRUTURAL DA NOVA GERAÇÃO DE ESQUERDA

O PL conquistou 121 cadeiras na Câmara, a maior bancada de um único partido desde 1990; a federação de esquerda (PT-PCdoB-PV) obteve apenas 88 cadeiras, e o PSOL-Rede apenas 15. Em São Paulo, Lucas Pavanato, do PL, foi eleito com mais de 3 milhões de votos, enquanto Erika Hilton, do PSOL, ficou em segundo lugar com 1,59 milhão – menos da metade de Pavanato.

Essa diferença revela um problema fundamental: a “vantagem de influência” da nova geração de esquerda ainda não se converteu em “vantagem de assentos”. Ao mesmo tempo, a direita não apenas detém as 121 cadeiras do PL, como também demonstrou capacidade de coordenação interestadual – Nikolas Ferreira, sozinho, apoiou a eleição de 5 deputados federais e 18 deputados estaduais.

RUMO A UMA NOVA LIDERANÇA DE ESQUERDA?

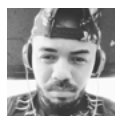
A eleição de 2026 oferece três lições cruciais para a nova geração radical de esquerda:

Primeira: a capacidade de comunicação digital tornou-se a competência central da esquerda, e não um complemento.

Segunda: o discurso radical precisa de canais institucionais. A eleição de Jones Manoel prova que o discurso socialista pode obter retorno real na política eleitoral brasileira, mas isso exige que o candidato tenha simultaneamente legitimidade de movimento e viabilidade eleitoral.

Terceira: a formação de novas lideranças precisa transcender a “marca pessoal”. Mas converter esses sucessos individuais em força política coletiva exige não apenas mais Ana Elisas ou Jones Manoéis, mas uma infraestrutura política capaz de formar, apoiar e conectar sistematicamente esse tipo de candidato.

O legado final da eleição de 2026 talvez não esteja em quantas cadeiras a esquerda conquistou, mas em ter revelado o germe de uma nova subjetividade política de esquerda: jovem, radical, digital, racialmente diversa e que se recusa a obedecer incondicionalmente às alianças tradicionais. Essa subjetividade ainda está em formação, e o sucesso de sua institucionalização determinará o destino político da esquerda brasileira na próxima década.



Aquiles Marchel Argolo – Jornalista especializado na área de cultura. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Guarulhos (UNG). Artigo editado por limitação de espaço, veja o texto na íntegra em: <https://www.preteressencias.com.br/artigos/a-saida-para-a-esquerda-e-radical-e-preta-como-ana-elisa-renato-freitas-e-jones-manoel-escaparam-do-fiasco/>





HARIPORIA, A ORIGEM DO AÇAÍ

Thiago Hakiy

Há muitas jornadas, quando o Sol ainda namorava a Lua, o povo saterê-mawé vivia um tempo de sonhos raros, de poucas frutas e poucos alimentos.

Nessa época, nasceu Yacy-May, filha do grande pajé Irê com a indígena Anhiã, que, por sua vez, era filha da palmeira BACABEIRA. Yacy-May veio ao mundo quando os pássaros noturnos cantavam na escuridão da floresta. Bela era a noite, calmo estava o rio Andirá, inspirando poesia.

Uma criança linda, com olhos pretos, arredondados, encantadores e sorridentes como o brilho das estrelas refletidas nas águas. Sua pele morena era macia como o UIXI-LISO. Seus cabelos pareciam imitar a flor do manacá. Era, enfim, uma criança de beleza singular.

Em meio à situação de miséria em que viviam, tal nascimento foi uma alegria para a aldeia. A beleza daquela criança certamente sinalizava novos tempos de fartura.

Com a passagem das luas, Yacy foi crescendo e ficando cada vez mais atraente. Sua beleza ficou conhecida além das fronteiras do Andirá, o grande rio. Por outros lugares e sob outras nuvens, tornou-se fruto da veneração dos pássaros, que cantavam para fazê-la dormir e sonhar com flores.

Quanto mais a menina crescia, mais pretendentes encantava. Mas Yacy-May, resistente às fantasias, era imune aos galanteios de pássaros ou homens de sua aldeia.

Até que chegou o tempo de Yacy-May se casar. Seguindo a





tradição, o velho pajé deveria escolher um mawé para desposar sua filha.

Tamanha era a disputa pela beleza da jovem indígena que até mesmo os astros se envolveram. Certa vez, a Lua brigou com o Sol por tanto pensar em Yacy-May. Ele despontava sorrindo no horizonte toda manhã, somente para dar bom-dia à jovem mawé, até

que a Lua percebeu e não gostou daquele assanhamento.

Mas, mesmo com o Sol e a Lua cumprindo os seus ciclos, o povo mawé cada vez mais sofria por falta de alimento. Corpo fraco é casa para enfermidade. Os indígenas começaram a morrer. Primeiro foram as crianças e depois os mais velhos e vulneráveis à fome. Árvores sem frutos, rios

sem peixe e a caça, distante na alta floresta.

TUPANA fez as florestas, as estrelas e o azul do céu, mas castigava o povo mawé por conta de uma atitude malévola de um filho da nação. Todos sofriam porque o grande criador estava magoado. O poderoso pajé estava ciente disso.

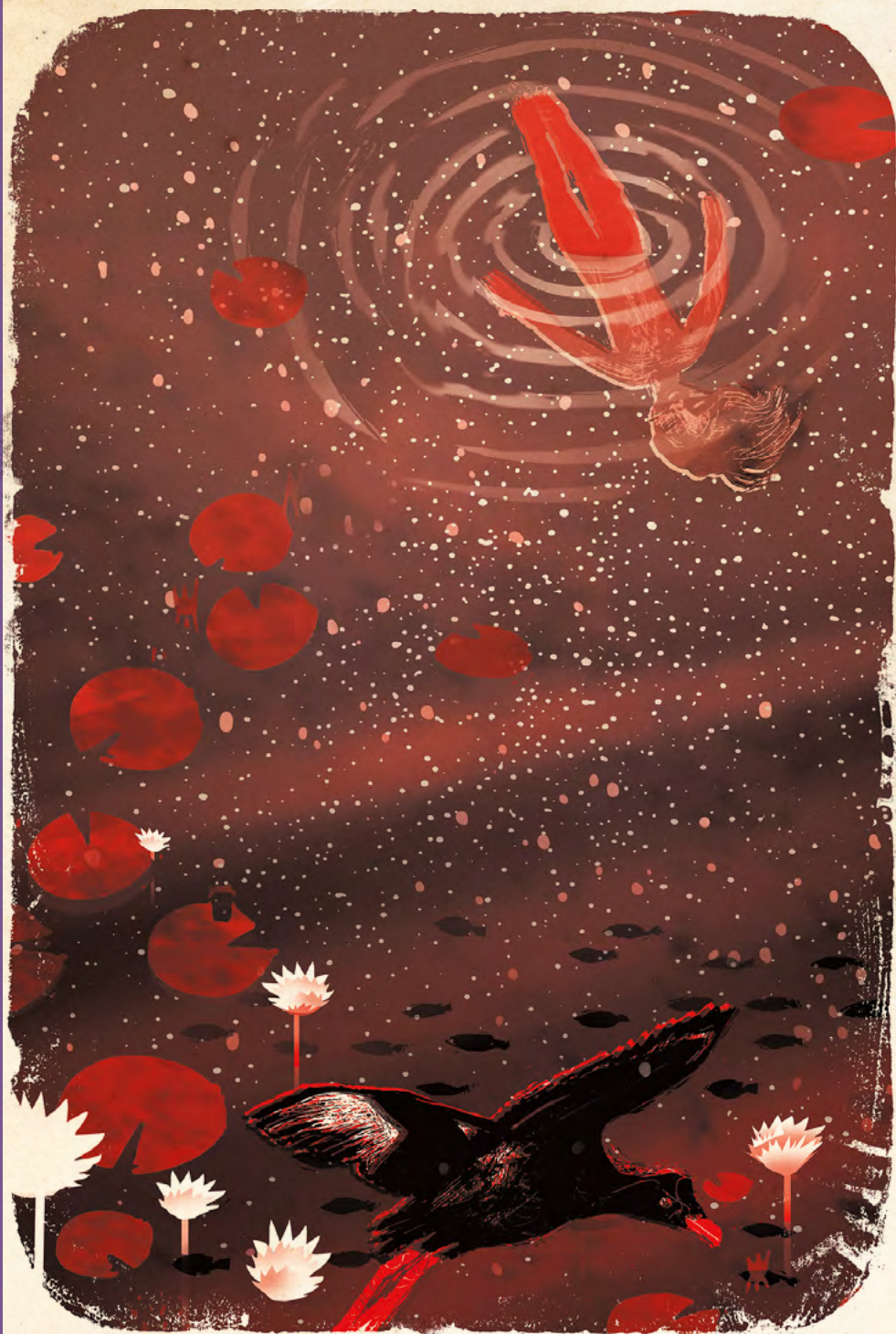
A chuva fina não era capaz de irrigar os sonhos de frutas maduras, tampouco de fazer o capim verde e as borboletas amarelas sorrirem. A filha do pajé, Yacy-May, sentiu que devia pagar o preço pelo desabrochar das flores. Seu pai intuiu a sua decisão de atravessar o rio pela sobrevivência da nação mawé. Num certo dia, Yacy-May acordou com as JAÇANÃS das CANARANAS dos lagos. Ela o abraçou e disse:

- Pai, a vida continua. O Andirá fluirá, majestoso, durante toda a eternidade. Vou me entregar às suas águas para acalmar a fúria de Tupana. Vou morar com as estrelas. Do céu, olharei pelo meu povo, entregarei meu corpo à terra para que brote alimento, que fará os peixes voltarem e o INAMBU da fartura tornar a piar.

Numa bela manhã, sob o sol que dourava a floresta, o corpo inerte de Yacy-May foi visto flutuando nas águas do grande rio. Todos lamentaram a sua partida para o estrelado do céu. Seu corpo foi enterrado às margens do Andirá. Por mais de um mês, seu povo chorou e velou sua sepultura, sobre a qual depositaram as poucas flores que acharam e alguns frutos caídos das árvores.

Somente o velho pajé sabia por que Tupana tinha levado a mais bela CUNHÃ saterê-mawé.

Um dia, perceberam uma plantinha brotar sobre o túmulo da jovem. Os mawé trataram logo de regá-la. E foi crescendo assim uma formosa palmeira, com folhas compridas e fartas iguais aos cabelos de Yacy-May. Dessa palmeira surgiu um ramo de flores. E das flores, frutos redondos.





Verdes no início e pretos depois, que lembravam os lindos olhos da jovem mawé. Finalmente, o povo sentiu felicidade. E, dali por diante, visitou todos os dias o local oculto sob o tronco da palmeira.

O pajé deu então o nome de açai àquela extraordinária árvore, que tinha sido um presente de Tupana, em sinal de gratidão por a filha do pajé ter sido conduzida às estrelas. Graças à atitude de Yacy-May, as frutas amadureceram e atraíram muitos pássaros, como o tucano, que iam e vinham para se alimentar.

O velho pajé pediu aos mawé que apanhassem um cacho de açai e dele fizessem o vinho para acompanhar o peixe ou o mingau de crueira. A fruta nutritiva deu força aos indígenas para retomarem as roças e seus pomares e para fazerem suas canoas de pesca. A fartura tinha voltado à vida da nação saterê-mawé.

Desde então, a graciosa Yacy-May está lá nas alturas, junto das estrelas, feliz porque sua generosidade não foi em vão. Foi ela quem acalmou a fúria do Criador, que presenteou o seu

povo com o rico e delicioso açai do povo mawé, o fruto nascido da formosura de Yacy.



Thiago Hakiy - Poeta, escritor, bibliotecário e contador de histórias tradicionais indígenas.

NOTA: Este é um dos recontos da obra "Nós", uma antologia de literatura indígena, publicada em 2019 pela editora Companhia das Letrinhas.

Ilustrador: Maurício Negro.



O PREÇO DO DESCASO

Adoecimento dos profissionais da Educação e Ideb em queda escancaram crise na educação do DF

A capital do país ostenta um paralelo preocupante: enquanto seus professores, professoras, orientadores e orientadoras educacionais adoecem em números recordes, a qualidade da educação pública desaba. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2025, divulgado em agosto pelo Ministério da Educação, colocou o Distrito Federal com o pior desempenho no ensino médio, e a rede pública não atinge a meta em nenhuma das etapas de ensino.

Para o Sinpro-DF, não se trata de um mero acaso, mas de uma relação direta entre esse desempenho pífio e as condições de trabalho dos profissionais da educação.

A epidemia silenciosa

Os números do adoecimento docente são estarrecedores. No Distrito Federal, 56% dos professores e orientadores educacionais se afastam anualmente para tratar a saúde, sendo que 70% desses afastamentos estão relacionados a transtornos mentais e comportamentais.

A Síndrome de Burnout, classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como doença ocupacional; depressão; ansiedade; distúrbios osteomusculares (DORT/LER) e problemas vocais estão entre os principais diagnósticos.

“O adoecimento muitas vezes vem pela impossibilidade de comunicar tantas dores. Elas aparecem nas frestas, como enxaquecas, dores musculares, insônia, medo, que é uma forma de evitar explodir em lugares errados diante de tanta demanda”, explica Luciane Kozicz, psicóloga do Sinpro e pesquisadora

do Núcleo de Trabalho e Linguagem da Universidade de Brasília (UnB).

Causas estruturais

O cenário não é fruto do acaso. A sobrecarga de trabalho, salários defasados, falta de suporte da SEEDF, condições precárias de trabalho e a carência de profissionais são apontados como os principais causadores do adoecimento em massa.

O Sinpro-DF tem denunciado sistematicamente essa realidade. Segundo a entidade, o último concurso para orientadores educacionais (OE) foi realizado em 2022, e hoje há uma média de cerca de 680 estudantes por profissional. Destaque-se que existe um banco de aprovados em OE aguardando nomeação. “Nossa reivindicação é de que para 300 estudantes tenhamos um orientador educacional. Também são necessários espaços adequados para um melhor desenvolvimento do trabalho”, alerta o diretor do Sinpro Luciano Matos.

A luta do Sinpro

Diante desse cenário, o Sinpro tem atuado em múltiplas frentes. Além de cobrar as nomeações e concurso público para reposição do quadro, o sindicato mantém a Clínica do Trabalho, que atua como um dispositivo fundamental de cuidado e escuta.

Completando 17 anos em 2026, a clínica oferece um espaço de psicologia coletiva nas escolas, promovendo a ‘hora da palavra’ e o exercício da interrogação sobre o cotidiano laboral. Anualmente, cerca de 1.400 servidores participam desse momento de reflexão, e a iniciativa já esteve presente em 252 escolas.

Luciane Kozicz comenta que a realidade da sala de aula no Distrito Federal tem se transformado em um campo minado para a saúde dos profissionais da educação. “Entre a violência crescente, a sobrecarga e a pressão por resultados, a categoria enfrenta uma epidemia silenciosa de adoecimento mental”, aponta ela. “A Clínica do Trabalho representa a possibilidade de o educador narrar a própria dor, um espaço silenciado que se torna visível por meio das CIDs (Classificação Internacional de Doenças). Muitos participam desse momento e se inscrevem para terapia. Esse espaço narrativo é uma proteção, prevenção para uma força curativa”, analisa.

Além do atendimento coletivo, o Sinpro oferece 10 sessões de terapia individual para sindicalizados, atendendo aproximadamente 70 servidores por ano.

Robertta Hutchison, advogada do Sinpro e responsável pela parte jurídica do Protocolo “Sinpro com você contra a violência”, explica que dentre estes atendimentos, em vários processos, o sindicato conseguiu que o DF fosse obrigado a pagar indenizações aos professores agredidos por alunos, medidas protetivas para os docentes e até reconhecimento de acidente de trabalho. “Os números ajudam a evidenciar que o adoecimento relacionado ao trabalho não está restrito às condições físicas da atividade profissional. Conflitos, ameaças,

violência,
sédio,

acusações de as-
preconceito e
outras situa-
ções de ten-

são no ambiente de trabalho também podem constituir fatores de sofrimento e adoecimento, demandando acompanhamento e, em determinados casos, medidas administrativas ou judiciais.”

Desde que o protocolo contra a violência foi criado em 2024, o Sinpro já atendeu 134 casos, tendo como principais motivos assédio moral no ambiente de trabalho (35,8%), ameaças e outros crimes contra a honra cometidos por pais de alunos (20,1%), agressões de alunos TEA contra professores ante a ausência de monitores escolares (19,4%), agressões físicas ou ameaças de alunos contra os professores (12,7%), discriminação racial (6%) e outros tipos de acolhimento (6%).

“Prevenir o adoecimento do trabalhador por meio da melhoria do ambiente laboral, do combate ao assédio moral e da gestão de outros riscos psicossociais é significativamente mais eficaz e humano do que recorrer à Justiça após o esgotamento da saúde do educador”, afirma a coordenadora da Secretaria de Saúde do Sinpro, Elbia Pires.

Descaso com a Educação

A terceirização, a precarização do trabalho e a ausência de concursos públicos também são marcas de uma política que trata a educação como despesa, não como investimento. O resultado é uma bomba-relógio: educadores adoecidos, salas superlotadas, violência escolar crescente e alunos que carregam o peso de uma aprendizagem comprometida.

A pergunta que fica é: ***até quando a capital do país vai tratar seus educadores como peças descartáveis de um sistema que insiste em falhar?***

 **ideb**





Foto: Gustavo Bezerra/Liderança do PT

BANCADA FEMININA NO CONGRESSO CRESCE EM 2026, MAS SEGUE BRANCA E PENDE À DIREITA

Camila Rodrigues da Silva

Câmara e Senado elegeram mais mulheres, mas homens brancos continuam maioria e mulheres negras seguem sub-representadas

O Congresso eleito em 2026 tem a maior proporção de mulheres da história recente, mas o avanço é desigual: mulheres brancas ganharam mais espaço, mulheres negras continuam sub-representadas e homens brancos seguem como maioria absoluta. Entre as eleitas, predominam partidos de centro e de direita.

O levantamento da Alma Preta usou dados abertos do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de 2018 e 2022 e resultados de 2026. Gênero e raça/cor seguem a autodeclaração das candidaturas; pessoas negras são a soma de pretas e pardas. A classificação política dos partidos segue pesquisa de Bruno Bolognesi, da UFPR, atualizada com o autor em setembro de 2025.

CÂMARA E SENADO COM MAIS PRESENÇA FEMININA

Na Câmara, as mulheres passaram de 90 cadeiras (17,5%) em 2022 para 109 (21,2%) em 2026. As brancas foram de 56 (10,9%) para 73 (14,2%), enquanto as negras passaram de 31 (6%) para 34 (6,6%). Homens negros perderam espaço, caindo de 108 (21,1%) para 101 (19,7%). A Câmara tornou-se mais feminina e proporcionalmente mais branca. Indígenas passaram de quatro para três representantes, e amarelos, de três para um.

No Senado, a comparação é com 2018, quando também estavam em disputa 54 cadeiras, dois terços da Casa. As mulhe-

res passaram de seis (11,1%) para 12 (22,2%); as brancas, de cinco (9,3%) para dez (18,5%); as negras, de uma (1,9%) para duas (3,7%). Entre os homens, os negros foram de 13 (24,1%) para 14 (25,9%), e os brancos, de 35 (64,8%) para 28 (51,9%), ainda mais da metade das vagas.

AS ELEIÇÕES CONTINUAM FAVORECENDO HOMENS BRANCOS

A diferença entre candidaturas e eleitos revela o desequilíbrio. Na Câmara, homens brancos eram 33,7% dos candidatos e se tornaram 58,7% dos eleitos; mulheres negras passaram de 18,2% para 6,6%; homens negros, de 28,6% para 19,7%; e mulheres brancas, de 18% para 14,2%. No Senado, somente os homens brancos aumentaram sua proporção, em quatro pontos percentuais.



O voto e as estruturas que o antecedem, como financiamento, tempo de TV e apoio partidário, funcionam como um filtro que concentra o poder em homens brancos e penaliza principalmente as mulheres negras.

MAIS MULHERES, MAS NÃO UMA BANCADA FEMINISTA

Entre as 109 deputadas, 47 (43,1%) são de partidos de centro-esquerda e esquerda, 18 (16,5%) de centro e 44 (40%) de direita e extrema direita. Para Cláudia Rodrigues, presidenta da União Brasileira de Mulheres do Estado de São Paulo (UBM-SP), ampliar a presença feminina não basta para fortalecer os direitos das mulheres.

“Não sou adepta daquelas que acham que precisamos eleger mulher por ser mulher. Temos que eleger mulher por ser comprometida com as mulheres trabalhadoras, com as mulheres pretas, com um projeto de Brasil que interessa à maioria do povo”, afirma.

Das 12 senadoras eleitas, cinco (42%) vêm da direita e da extrema direita. O PL tem a maior bancada feminina, com Michelle Bolsonaro e Bia Kicis, do Distrito Federal, e Carol de Toni, de Santa Catarina. A legenda se posiciona contra pautas feministas e a ampliação dos direitos das mulheres. Em 2020, Carol de Toni apresentou projeto para acabar com a cota de 30% de candidaturas femininas para deputados e vereadores.

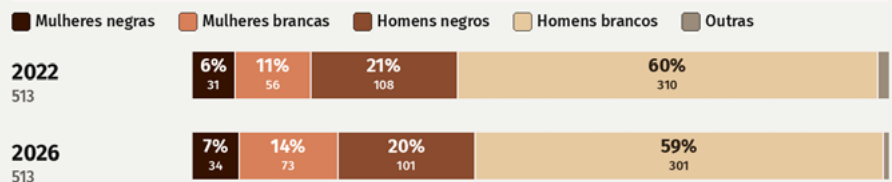
Rodrigues questiona se as eleitas apoiarão o fim da escala 6x1, que, segundo ela, limita o tempo das mulheres para cuidar de si e dos seus, descansar e buscar lazer. Ela considera este um dos piores Congressos eleitos após a ditadura, refletindo a onda conservadora no Brasil e no exterior.

ESQUERDA DIVERSA E DIREITA BRANCA

Entre as 47 deputadas de centro-esquerda e esquerda, 20 são

COMO MUDOU DE 2022 A 2026

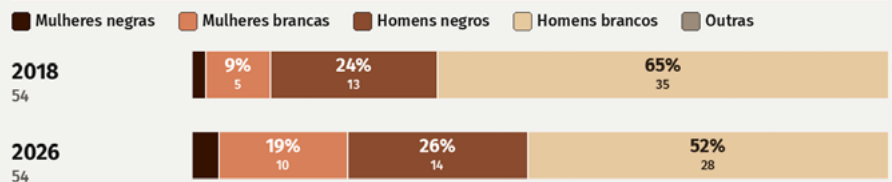
Câmara dos Deputados — composição dos eleitos por gênero e raça



Mulheres brancas crescem (11% → 14%); mulheres negras seguem em 6-7%; homens brancos recuam pouco (60% → 59%).

SENADO: 2018 x 2026

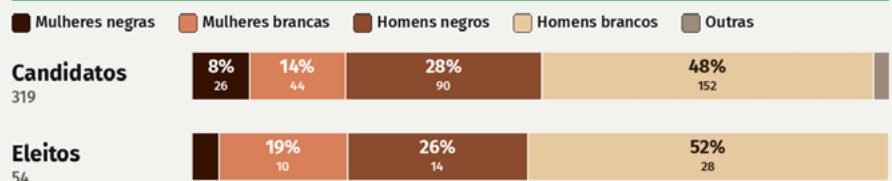
Composição por gênero e raça — as duas eleições de 2 senadores por estado



Comparando as duas renovações de 2/3 (54 vagas), as mulheres dobraram (11% → 22%) e os homens brancos caíram de 65% para 52%. (Em 2022 houve renovação de só 1/3, 27 vagas.)

CANDIDATOS x ELEITOS: GÊNERO E RAÇA

Senado, 2026 — composição por grupo



No Senado, os dois grupos brancos ampliam sua fatia da candidatura para a eleição; homens e mulheres negras encolhem — mulheres negras caem de 8% para 4%.

negras (12 pretas e oito pardas), duas são indígenas e 25 são brancas (53%). Erika Hilton (PSOL-SP), negra, tornou-se a mulher mais votada da história para a Câmara. Ana Elisa (PT-MG), negra de 21 anos, foi a segunda mais votada em Minas Gerais, atrás de Nikolas Ferreira (PL-MG).

Das 44 deputadas de direita e extrema direita, 34 são brancas (77%), nove são pardas e uma é preta: Professora Janad Valcari (PP-TO). Das 13 deputadas pretas eleitas, 12 estão na centro-esquerda e na esquerda. A presença de mulheres negras no parlamento é, majoritariamente, de esquerda.

REELEITAS E NOVATAS

Das 51 novatas na Câmara, 17 são negras (33%); entre as 58 reeleitas, também são 17 (29%), além de duas indígenas. Em 2022,

negras eram 41% das novatas e 25% das reeleitas: o impulso da renovação perdeu força. Nos dois grupos de 2026, 43% são de esquerda ou centro-esquerda. Direita e extrema direita somam 40% das reeleitas e 41% das novatas; o centro, 17% e 16%, respectivamente.

Nenhuma das 12 senadoras eleitas ocupava o cargo. Pelo menos três foram eleitas deputadas em 2022. São dez brancas e duas pardas, sem nenhuma mulher preta.



Camila Rodrigues da Silva — Jornalista e pesquisadora do Observatório das Migrações em São Paulo. Com edição de: Aymê Brito, da Alma Preta, e Nathalia Cariatti, da Azmina. Artigo editado por limitação de espaço, veja o texto na íntegra em: <https://almapreta.com.br/sessao/politica/eleicoes-congresso-2026-mulheres-raca/>

O futuro começa com quem ensina

Vanilce Cristina Vieira Diniz,
professora da rede pública
de ensino do Distrito Federal

(Foto: Geovana Albuquerque)



Há quem veja uma sala de aula. Nós vemos o lugar onde nascem sonhos, se fortalecem valores e se constrói cidadania.

Porque ensinar é muito mais do que transmitir conhecimento. É olhar no olho e encorajar, construir confiança, estar presente na dúvida, na descoberta e em cada conquista.

Em um mundo cada vez mais tecnológico, nenhuma inovação substitui a sensibilidade de uma palavra dita na hora certa, a escuta atenta e a força da relação humana.

São professoras e professores que abrem portas, ampliam horizontes e ajudam a escrever, todos os dias, o futuro do Brasil.

A CNTE homenageia quem transforma vidas por meio da educação pública.

15/10 *Dia do/a*
PROFESSOR/A



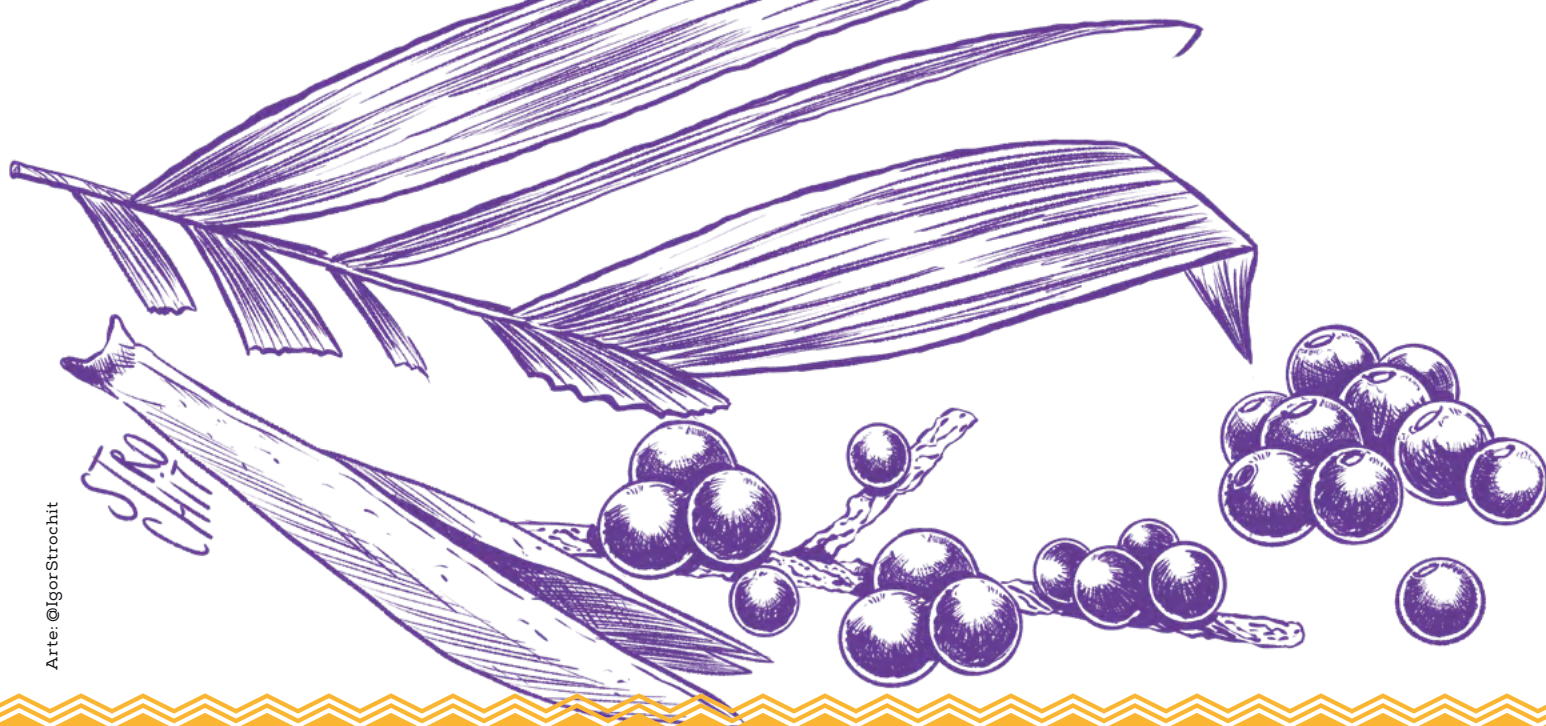
Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br



Filiada à
CUT
BRASIL



Arte: @IgorStrochit



MAIS DO QUE UMA REVISTA, UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA!

**PRA XAPURI ACONTECER
NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ**

ASSINE AGORA



xapuri.info/revista-impressa/



XAPURI.INFO